

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
NÚCLEO DE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**IDENTIFICAÇÃO DOS PROGRAMAS DE EDUCAÇÃO SOCIOAMBIENTAL PARA
O TURISMO, DESENVOLVIDOS PELO PODER PÚBLICO DE CURITIBA-PR**

HELISSA NASCIMENTO DOS SANTOS

CURITIBA-PR

2011

HELISSA NASCIMENTO DOS SANTOS

**IDENTIFICAÇÃO DOS PROGRAMAS DE EDUCAÇÃO SOCIOAMBIENTAL PARA
O TURISMO, DESENVOLVIDO PELO PODER PÚBLICO DE CURITIBA-PR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Especialização em Educação, Meio Ambiente e Desenvolvimento do Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná, como requisito à obtenção do título de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Valdir Frigo Denardin.

CURITIBA-PR

2011



sUniversidade Federal do Paraná
Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento
Especialização em Educação Meio Ambiente e Desenvolvimento

Ata da sessão pública da monografia do grau de Especialista em Educação Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná. Aos vinte e nove dias do mês de agosto de dois mil e onze, às 09:00 horas na Sede do Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná, foram instalados os trabalhos da banca de monografia, constituída pelos seguintes Professores: Valdir Frigo Denardin (orientador) e Sandra Mara Pereira de Queiroz sob o título *“Identificação dos programas de educação socioambiental para o turismo, desenvolvidos pelo poder público de Curitiba-Pr”* de autoria de **HELISSA NASCIMENTO DOS SANTOS** tendo obtido os seguintes conceitos: Professor Valdir Frigo Denardin (A) e Sandra Mara Pereira de Queiroz (A). Em seguida foi declarada aprovada e receberá o título de Especialista em Educação Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná. Nada mais havendo a tratar foi encerrada a presente sessão a qual será assinada pela banca examinadora.

Curitiba, 29 de agosto de 2011.

Prof. Dr. Valdir Frigo Denardin

Prof. Dra. Sandra Mara Pereira de Queiroz

Dedico esse trabalho aos meus pais que sempre me possibilitaram o acesso à excelente educação, demonstrando preocupação com o meu futuro e a esperança desse investimento ser muito bem utilizado. Em troca de todo esse apoio, carinho, atenção e amor; ofereço-lhes minha eterna gratidão, sentimento de amor e resultados positivos.

AGRADECIMENTOS

A SETU-PR, SEMA-PR, IMtur e SMMA que concordaram em responder às entrevistas, para que esse trabalho pudesse apresentar êxitos. Minha grande gratidão por terem colaborado.

Ao Professor Doutor Valdir Frigo Denardin que me orientou nessa monografia, para que juntos alcançássemos o sucesso desse trabalho que trará bons frutos.

À Professora Doutora Maria do Rosário que me ajudou e deu suporte no andamento do curso.

A todos os professores que lecionaram os módulos do curso de especialização, para que juntos pudéssemos construir novos conhecimentos e discutir ideias.

Aos meus familiares que sempre me apoiaram e debateram junto a mim sobre todos os assuntos polêmicos do cotidiano.

Ao meu pai que com muita paciência me ouviu todos os dias, sobre as minhas inquietações e indignações sobre a realidade brasileira e mundial.

A minha mãe que sempre me apoiou na realização de meus sonhos e me incentivou a continuar a crescer a todo o momento.

Ao Fernão Diego de Souza Lopes, meu namorado, que me ajudou nesse trabalho sugerindo ideias e debatendo sobre a temática aqui abordada com relação à prática vivida, principalmente no poder público.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo geral: identificar os programas de educação socioambiental para o turismo em Curitiba, desenvolvidos pelo poder público. O motivo da escolha desse tema se dá pelo êxito das campanhas publicitárias de Curitiba sobre a sua relação com o meio ambiente e seus programas de educação ambiental para a população local. Além do crescente fluxo de turistas por ano na cidade, o fato da cidade ser sede da Copa 2014 e ser um dos 65 destinos indutores do turismo. Assim, tem-se como uma das hipóteses que os órgãos públicos responsáveis pela elaboração dos programas de educação socioambiental para o turismo em Curitiba são: Secretaria Municipal do Meio Ambiente e Instituto de Turismo de Curitiba. Acredita-se também que esses programas são direcionados aos turistas, escolares e pessoas ligadas diretamente à atividade turística; a partir do trabalho direcionado pela produção de cartilhas educacionais. Para verificar essas hipóteses, a metodologia do trabalho deu-se pela pesquisa bibliográfica e documental. O marco teórico recebeu a abordagem do desafio de correlacionar a gestão de turismo e meio ambiente, a partir de discussões teóricas sobre as duas temáticas. A metodologia de pesquisa deu-se pela exploratória com aplicação de entrevistas semiestruturadas e gravadas, respectivamente com: o Instituto Municipal de Turismo; a Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos; a Secretaria de Estado do Turismo; e, por fim, a Secretaria Municipal do Meio Ambiente. Após a coleta de dados e interpretação com relação ao marco teórico, chegou-se a conclusão que Curitiba não desenvolve programas de educação socioambiental especificamente para o turismo. O que acontece com relação ao meio ambiente e turismo são ações pontuais devidos alguns eventos e parcerias com Universidades. Para as duas instituições do Município, a expectativa é que o turista ao visitar Curitiba internalize boas práticas de conduta com o meio ambiente, por perceber e observar as boas práticas desenvolvidas na cidade. Além disso, essas duas entrevistadas desejam que o residente local passe a ter o olhar do turista, que se encanta com a cidade quando a conhece. Já os entrevistados do Estado, acreditam que o turismo ainda seja muito incipiente e que ainda tem muito que se fazer e melhorar a relação do turismo com as outras entidades que ainda não enxergam o turismo como prioridade e importância. O entrevistado da Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos afirmou que não há educação, o que há é uma sensibilização sobre o meio ambiente. E, a entrevistada da Secretaria Municipal do Meio Ambiente declarou pautada em argumentos teóricos e práticos que o termo educação socioambiental demonstra a clara visão cartesiana da relação homem e natureza, que muitos ainda apresentam. Desta maneira, percebeu-se que o diálogo e a parceria institucional entre essas Secretarias tanto municipais e estaduais estão apenas começando, assim como o trabalho de enxergar a importância de formatar programas de educação ambiental para o turismo, na cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Educação socioambiental. Turismo. Sustentabilidade.

ABSTRACT

This work has the overall goal: to identify social and environmental education programs for tourism in Curitiba, developed by the government. The reason for choosing this goal is through the success of advertising campaigns in Curitiba about his relationship with the environment and its environmental education programs for local people. In addition to the increasing flow of tourists per year in the city, the fact that the city host the 2014 World Cup and be one of 65 destinations which encourage tourism. Thus it has become one of the assumptions that public bodies responsible for preparing the socio-environmental education programs for tourism are in Curitiba: Secretary Municipal Institute of environment and tourism of Curitiba. It is also believed that these programs are targeted to tourists, students and people directly connected to tourism, from the work directed by the production of educational booklets. To check these hypotheses, the methodology of the work was due to the bibliographic and documentary research. The theoretical approach given the challenge of correlating the management of tourism and environment, from the theoretical discussion on two topics. The research methodology was due to the exploratory application of semi-structured interviews and recorded respectively with: the Municipal Institute of Tourism, the Secretary of State Environment and Water Resources, the Secretary of State for Tourism, and finally, the Municipal Secretary Environment. After data collection and interpretation with respect to the framework, we reached the conclusion that Curitiba has not developed social and environmental education programs specifically for tourism. What happens with respect to the environment and tourism are some events due to specific actions and partnerships with universities. Interviewed for two of the city, the expectation is when tourists visit Curitiba internalize best practices of conduct for the environment, to realize and observe the good practices developed in the city. Moreover, these two respondents want the local resident passes to take the tourist gaze, delighting in the city when they know. Respondents in the state believe that tourism is still incipient and still have much to do and improve the relationship of tourism with other entities that still do not seeing tourism as a priority and importance. The respondent of the Secretary of State Environment and Water Resources said there was no education, there is an awareness of the environment. And, the interviewee of the Municipal Secretary Environment said grounded in theoretical and practical arguments that the term socio-environmental education clearly demonstrates the Cartesian view of the relationship between man and nature, many still present. Thus, it was noted that dialogue and partnership between these institutions both municipal and state secretaries are just beginning, and the work to see the importance of environmental education programs format for tourism in the city.

KEYWORDS: Social and environmental education. Tourism. Sustainability.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CG	- Contrato de Gestão 2010 do Instituto Municipal de Turismo
CNUMAD	- Conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente e desenvolvimento
COP MOP	- Conferência das Partes Sobre Mudanças Climáticas
FAS	- Fundação de Assistência Social
FGV	- Fundação Getúlio Vargas
IAP	- Instituto Ambiental do Paraná
IBAMA	- Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis
IMtur	- Instituto Municipal de Turismo de Curitiba
MINEROPAR	- Minerais do Paraná
MMA	- Ministério do Meio Ambiente
Mtur	- Ministério do Turismo do Brasil
OMT	- Organização Mundial do Turismo
ONU	- Organização das Nações Unidas
PDT-PR 2008-2011	- Plano de Desenvolvimento do Turismo do Paraná
PNT 2007-2010	- Plano Nacional de Turismo 2007-2011
PROECOTUR	- Programa para o Desenvolvimento do Ecoturismo na Amazônia Legal
PRODETUR	- Programa de Desenvolvimento do Turismo
SEMA	- Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos
SETU-PR	- Secretaria de Estado do Turismo do Paraná
SMMA	- Secretaria Municipal de Meio Ambiente
UFSC	- Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	Justificativa	12
1.2	Metodologia de pesquisa.....	13
1.3	Estrutura do trabalho	14
2	REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1	CORRENTES SOCIOAMBIENTAIS	15
2.1.1	Naturalismo reativo	16
2.1.2	Naturalismo crítico	17
2.1.3	Naturalismo ativo	17
2.1.4	Naturalista	18
2.1.5	Culto ao silvestre	18
2.1.6	Credo da ecoeficiência	19
2.1.7	Ecologismo dos pobres	19
2.1.8	Comparação entre as correntes socioambientais	20
2.2	A RELAÇÃO HOMEM E NATUREZA	21
2.3	ECOLOGIA: UMA QUESTÃO POLÍTICA	23
2.4	TURISMO	24
2.5	EDUCAÇÃO SOCIOAMBIENTAL E A SUSTENTABILIDADE DO TURISMO	27
2.5.1	Princípio responsabilidade	32
2.5.2	Princípio pertencimento	34
2.5.3	Princípio precaução	36
2.6	PLANO NACIONAL DE TURISMO 2007-2010.....	37
2.7	PLANO DE DESENVOLVIMENTO DO TURISMO DO PARANÁ 2008-2011	42
2.8	CONTRATO DE GESTÃO 2010 DO INSTITUTO MUNICIPAL DE TURISMO DE CURITIBA	45
3	ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	46
3.1	ENTREVISTA COM A SECRETARIA DE ESTADO DO TURISMO – PR	47
3.2	ENTREVISTA COM O INSTITUTO MUNICIPAL DE TURISMO DE	

	CURITIBA	49
3.3	ENTREVISTA COM A SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE – PR	52
3.4	ENTREVISTA COM A SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE	54
4	VERIFICAÇÃO DAS HIPÓTESES	57
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
6	REFERÊNCIAS.....	63
7	APÊNDICES	68
7.1	(Apêndice 01) ENTREVISTA COM A SECRETARIA DE ESTADO DO TURISMO DO PARANÁ.....	68
7.2	(Apêndice 02) ENTREVISTA COM O INSTITUTO MUNICIPAL DE TURISMO DE CURITIBA	74
7.3	(Apêndice 03) ENTREVISTA COM A SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE DO PARANÁ	79
7.4	(Apêndice 04) ENTREVISTA COM A SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE DE CURITIBA	83

1 INTRODUÇÃO

A atenção para o meio ambiente tem sido crescente no mundo diante dos desafios da utilização dos recursos naturais. Com o desenvolvimento crescente das tecnologias de comunicação, o turismo se expande principalmente, nos continentes que atualmente apresentam fluxos turísticos anuais crescentes (PLANO AQUARELA, 2010). Correlacionar o tema educação socioambiental e turismo é o desafio desse trabalho.

Inicialmente, nessa monografia o termo educação ambiental será substituído por educação socioambiental, por compreender que as discussões acadêmicas apontam o termo que melhor abrange as perspectivas da crise socioambiental atual e perspectiva interdisciplinar para educação ambiental.

Diante desse desafio, e a oportunidade de pesquisa na cidade brasileira considerada a capital ecológica e modelo, com a sociedade e o poder público engajada em programas socioambientais veiculados pela mídia, instigou-se na pesquisadora, identificar os programas de educação socioambiental para o turismo em Curitiba, desenvolvido pelo poder público. Essa correlação é relevante, pois Curitiba recebe um fluxo crescente de turistas por ano, por exemplo, em 2002 o fluxo turístico foi de 1.437.053 e em 2007 a estimativa do fluxo turístico na cidade foi de 2.380.635 (VIAJE CURITIBA, 2011).

Assim, o intuito de alcançar esse objetivo principal foi baseado nas seguintes hipóteses:

H1) Os órgãos públicos responsáveis pela elaboração dos programas de educação socioambiental para o turismo em Curitiba são: a Secretaria Municipal do Meio Ambiente e o Instituto de Turismo de Curitiba.

H2) Os programas de educação socioambiental para o turismo em Curitiba são direcionados aos turistas, escolares e pessoas ligadas diretamente à atividade turística.

H3) Os programas de educação socioambiental direcionam-se a produção de cartilhas educacionais.

Para fazer verificação dessas hipóteses, elencaram-se como objetivos específicos em Curitiba: identificar os responsáveis, nos órgãos do poder público, pela elaboração dos programas de educação socioambiental para o turismo;

identificar o público alvo ao qual estão direcionados os programas de educação socioambiental para o turismo; identificar no Plano Nacional do Turismo 2007-2010, no Plano de Desenvolvimento do Turismo do Paraná 2008-2011 e no Contrato de Gestão 2010 do Instituto Municipal de Turismo de Curitiba, os programas que incentivam o desenvolvimento da educação socioambiental para o turismo.

A metodologia para construção desse trabalho delimitou-se na busca da literatura sobre a sustentabilidade do turismo, ecologia, relação socioambiental, turismo e educação socioambiental, correntes socioambientais e documentos que constam os planos de desenvolvimento para o turismo em nível federal, estadual e municipal.

A pesquisa de campo baseou-se na identificação dos atores chaves no poder público que estariam aptos a desenvolver um programa de educação socioambiental com ênfase na atividade turística. Após essa identificação aplicou-se uma entrevista semiestruturada e gravada com os técnicos dos órgãos públicos, respectivamente: do IMtur, da Secretaria Estadual do Meio Ambiente e Recursos Hídricos, da Secretaria de Estado do Turismo e da Secretaria Municipal de Meio Ambiente.

Para levar efeito o proposto, esse trabalho foi dividido em cinco seções, incluindo esta introdução como primeira seção, que traz também os objetivos e metodologia de pesquisa, as hipóteses e a justificativa do trabalho. A segunda seção trata do marco teórico que aborda as discussões teóricas das correntes socioambientais e da relação do homem diante da percepção da crise socioambiental. Aborda também sobre os conceitos do turismo, a educação socioambiental e a sustentabilidade do turismo e sobre os planos nacional, estadual e municipal de turismo. A terceira seção contempla a análise das entrevistas aplicadas com o poder público. A quarta seção apresenta a verificação das hipóteses. Por fim, a quinta seção indica as considerações finais. Na sequência apresentam-se as referências e os anexos.

Ao final do trabalho, ou seja, nas considerações finais, compararam-se as teorias estudadas com as entrevistas aplicadas, e percebeu-se que a aplicação dos programas de educação socioambiental para o turismo está muito aquém da teoria, quem dirá da realidade. Primeiro, que o termo educação socioambiental para os técnicos entrevistados do meio ambiente não foi bem aceito. Segundo, todos os entrevistados afirmaram que não há nenhum programa de educação ambiental direcionado ao turismo e tampouco, projetos específicos para propostas futuras. O

que existem são ações pontuais devidas algumas circunstâncias como eventos e parceria com universidades.

De maneira em geral, o que ocorre é uma expectativa, por parte do poder público municipal, de que o turista ao visitar Curitiba internalize a boa prática do convívio com o meio ambiente, por presenciar boas ações desse gênero na cidade, realizada pela prefeitura e pela população local. E, por parte do poder público estadual, o turismo ainda é muito incipiente e a conversa no Estado, entre turismo e meio ambiente começou muito recentemente, desde 2010.

1.1 JUSTIFICATIVA

A consciência crítica das pessoas sobre a má relação do ser humano com o meio ambiente está em atual discussão nas universidades e telejornais. Principalmente, quando as notícias nos telejornais demonstram ênfase na preocupação dos prejuízos que causam os derramamentos de óleos pelos navios em alto mar, vazamento químico em rios, contaminação do ar em algumas cidades onde há indústrias de cal, entre outros. Porém, ainda assim, constata-se a presença de grupos de discussão que, infelizmente, não aplicam as ideias de melhoria na prática, por vários motivos.

Desta maneira, não é à toa, que segundo Matheus *et. al.* (2005), o desenvolvimento do turismo não se dá, na maioria dos destinos turísticos com base nos princípios da sustentabilidade. O que ocorre é o desenvolvimento de uma atividade vista apenas como um produto ou uma mercadoria muito rentável; ficando totalmente a parte a preocupação da melhor forma de gestão dos ambientes naturais onde estão inseridos os atrativos turísticos.

Para que a relação do empresário, do turista e do residente local com o ambiente onde está inserido o turismo como mercadoria, mude para melhor, será necessária uma reeducação do ser humano em relação ao meio ambiente e a tudo que o compõe (MATHEUS *et. al.*, 2005). E, esse aprendizado da nova relação homem e meio ambiente, principalmente quando envolve o desenvolvimento da atividade turística, só poderá ocorrer com a aplicação da metodologia de ensino da educação socioambiental que tentará sensibilizar e conscientizar os atores sociais

envolvidos com essa atividade, sobre os próprios riscos que geram para si mesmos e seu entorno.

Pelo motivo de perceber a necessidade da mudança nesse contexto, que ao analisar Curitiba na sua própria divulgação de imagem como cidade modelo e ecologicamente correta, que instigou a realização da pesquisa desse trabalho a se questionar como que ocorre o desenvolvimento do turismo com premissas sustentáveis nessa cidade. Uma vez que essa cidade recebe fluxos de turistas crescentemente, será uma das cidades sede da Copa de 2014 e é um dos 65 destinos indutores de um dos programas do IMtur.

Desta maneira, pode-se perceber que Curitiba tem planos para aumentar sua demanda turística e sua visibilidade para o mundo. Sabe-se também que o IMtur realiza oficinas de sensibilização para o turismo, com o intuito de qualificar profissionais da área na questão do bem receber. Logo, com tanto trabalho para se fazer com relação ao planejamento turístico da cidade, pergunta-se qual é a preocupação ou o trabalho desenvolvido para que essa atividade não impacte negativamente no meio ambiente?

1.2 METODOLOGIA DE PESQUISA

Para descrever o marco teórico serão coletadas informações através da pesquisa bibliográfica com relação à temática da sustentabilidade do turismo, ecologia, relação socioambiental, turismo e educação ambiental, correntes ambientais e documentos que constam o PNT 2007-2010, PDT-PR 2008-2011, CG 2010 do IMtur.

Esse embasamento será buscado principalmente em livros e internet, ou seja, será desenvolvida uma pesquisa bibliografia; que segundo Silva e Menezes (2005, p. 38) é: “[...] aquela baseada na análise da literatura já publicada em forma de livros, revistas, publicações avulsas, imprensa escrita e até eletronicamente, disponibilizada na Internet”.

Após o estudo teórico das temáticas: turismo e educação socioambiental; realizar-se-á uma pesquisa do estilo exploratório e descritivo (SILVA; MENEZES, 2005), pois, ao utilizar a pesquisa exploratória, o estudo permite desvendar conceitos e temas, os quais auxiliam a sustentar as hipóteses citadas.

A pesquisa exploratória e descritiva será qualitativa com aplicação de entrevista semiestruturada com os atores chaves do poder público de Curitiba, relacionados ao desenvolvimento de programas de educação socioambiental para o turismo.

Serão aplicadas entrevistas em 22 jul. 2011 às 09h30 com o Instituto Municipal de Turismo; em 26 jul. 2011 às 09h30 com a Secretaria Estadual do Meio Ambiente; em 29 jul. 2011 às 14h30 com a Secretaria Estadual de Turismo do Paraná e em 02 ago. 2011 às 15h45 com a Secretaria Municipal de Meio Ambiente.

O objetivo de entrevistar essas instituições é identificar na fala delas a existência de programas de educação socioambiental que foram elaboradas ou que pelo menos estão no plano de propostas futuras.

Para isso, a entrevista dará início com a pergunta sobre a explicação do próprio entendimento sobre educação socioambiental. Em sequência, perguntar-se-á sobre como a pessoa vê a aplicação da educação socioambiental na atividade turística. Como consequência, a próxima pergunta é se aquela instituição apoia ou realiza algum programa de educação socioambiental para o turismo, sendo esta pergunta em nível estadual para os órgãos estaduais e em nível municipal para órgãos municipais. Desde ponto em diante da entrevista, serão discutidos e abordados sobre as respostas que serão dadas acerca desse tema.

1.3 ESTRUTURA DO TRABALHO

Para estruturar o trabalho, será importante abordar sobre as correntes socioambientais descritas por Moscovici (2007) e Alier (2007) presentes no subcapítulo 2.1, para situar o leitor sobre os tipos de correntes socioambientais discutidas e que já estiveram e se fazem presentes na nossa sociedade, como a naturalista e o credo da ecoeficiência.

Será necessário também fazer, no subcapítulo 2.2, uma abordagem da relação homem e natureza pensada e teorizada pela visão de Giddens (1991), Beck (1997), Moscovici (2007), Morin e Kern (2005) e Leff (2001).

Relatar sobre ecologia como uma questão política, no subcapítulo 2.3, será relevante para demonstrar que a ecologia tornou-se um fator político e ganhou mais destaque quando se fez presente nesse ambiente político, mas não significa que foi

a melhor solução para se desenvolver de maneira plena e consciente dos benefícios e prejuízos da relação do uso do meio ambiente como recurso. O leitor perceberá essa interpretação e outras a partir de conceitos mencionados por: Beck (1997), Moscovici (2007), Morin e Kern (2005), Vieira (1998) e Sachs (2004).

Na sequência, no subcapítulo 2.4, abordar-se-á se sobre a terminologia do turismo, da tipologia de turista e as diversas motivações que levam o turista a viajar. No subcapítulo 2.5 será abordado sobre a educação socioambiental e a sustentabilidade do turismo são relevantes para demonstrar ao leitor sobre os gargalos e hiatos que ainda existem no desenvolvimento da atividade turística no Brasil. Atividade que precisa não só de educação ambiental, como também de vontade política para melhorar o planejamento turístico de inúmeras regiões turísticas. Onde se percebe o desenvolvimento dessa atividade imposta a algumas comunidades, impedindo ou dificultando o empoderamento e o desenvolvimento endógeno. Essa discussão teórica será apresentada sob os conceitos de: Irving (2002), Jonas (2006), Tuan (1980), Beck (1997), e Silva (*In*: VARELLA; PLATIAU, 2004).

Posteriormente, será apresentada a observação sobre o tema educação socioambiental presentes nos planos de desenvolvimento do turismo em nível federal e estadual, bem como no contrato de gestão do turismo no Município.

Por fim, será relatada a aplicação das entrevistas com os gestores públicos, para identificar e relatar os programas de educação socioambiental direcionado a atividade turística.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Na presente seção serão apresentadas de forma sucinta como as correntes ambientais surgiram e se desenvolveram a ponto de instigarem, entre os séculos XX e XXI, por um novo paradigma, na tentativa de buscar uma nova cultura planetária; na qual enfrentam diversos desafios que começam pelas barreiras do moralismo, conduta ética, religião e cultura socioeconômica.

2.1 CORRENTES SOCIOAMBIENTAIS

Moscovici (2007) revela que ele e seus amigos pertencem a uma geração de entre guerras, de campos de concentração, de bombas nucleares; da chamada cultura da morte. Além disso, na época se viam perdidos e totalmente sozinhos em prol da causa pela natureza, pois tudo naquela época poderia ser denominado de destruição.

Esse fato, Moscovici (2007) denominou de secularização da ciência e fez críticas sobre esta, no que se relaciona ao fato de se fazer ciência, no sentido em que a ciência assegurava a ordem ao mundo, o sentido da vida, da verdade, das teorias. Porém, esta ciência apresentou-se, em certa época, capaz de matar uns aos outros e até a ameaçar o próprio planeta. Questão que fez caracterizá-la como corrompida pelo poder e potências militares. Percebeu-se, então, que foram através dessas críticas e pensamentos acerca da ciência que se oportunizou uma reflexão sobre a relação do homem com a natureza.

Nessa reflexão observou-se o fato de que ao se destruir a natureza, destrõem-se culturas. E, para que esse fato seja internalizado é necessário instigar um refletir crítico acadêmico na criação de diversos cruzamentos da etnologia com a ecologia, tecnologia e desenvolvimento.

Nem sempre é tão fácil internalizar críticas e um pensamento reflexivo sobre a ciência e a forma como esta lida com a natureza. Por isso, os movimentos existiram, com objetivos diferentes, mas com o intuito de melhorar e desenvolver uma melhor relação homem e natureza.

2.1.1 Naturalismo Reativo

O primeiro movimento, segundo Moscovici (2007) foi o naturalismo reativo, considerado o mais popular de todos. Este movimento ousou-se a dizer que os homens têm mais dificuldade de ver o que têm na frente dos olhos (sol, ar, chuva, umidade, etc.). Bem como a dificuldade de se enxergar a palavra natureza, como a ideia de que somos da natureza, que devemos reconhecê-la como algo familiar. As justificativas que se faziam neste movimento era que a natureza existia antes do homem e permanecerá após ele. Esse movimento quis declinar a frase “retorno à natureza”, para que desta forma houvesse uma nova forma de se viver a união entre os homens e a natureza.

Esse naturalismo se apoiou no passado para se defender do presente, apelando para a tradição sobre a inovação. Buscou-se uma forma de vida primordial aparentemente incompatível com as condições e necessidades da vida atual.

2.1.2 Naturalismo crítico

O segundo movimento, ainda segundo Moscovici (2007), é o naturalismo crítico, nascido ao mesmo tempo no coração e à margem das correntes políticas e sociais que modelaram a civilização moderna. Esse movimento compartilhou com essas correntes a análise da história e a representação da sociedade e mesmo da cultura.

Criticou-se muito a nossa relação com a natureza e os problemas que decorrem disso; logo o seu alvo foi a crítica ao desencantamento do mundo, ou seja, a ocorrência do duro distanciamento do passado.

Nesta corrente, percebeu-se que os homens dominam a natureza, contra si próprios. Além disso, quanto mais se amplifica essa fusão entre o amor pela dominação e o amor pelo conhecimento, mais a natureza torna-se meio de uma exploração total sem nenhum objetivo determinado pela razão e sem nenhum limite.

As ideias defendidas por esse movimento foi a certeza de que a melhor saída seria a emancipação da natureza que também é a emancipação dos homens. Para que dessa maneira, pudesse visar a política e a ciência, através de temas como: progresso, razão e emancipação, na busca do sentido da história de uma sociedade moderna por vir.

2.1.3 Naturalismo Ativo

Segundo Moscovici (2007), o terceiro movimento foi o naturalismo ativo que foi marcado pela reflexão e pela vontade de uma liberação franca e exclusiva de nosso interesse pela natureza. Esse movimento não desejou romper as pontes com o exterior, nem perder o gosto de agir sobre o conjunto da sociedade. Esse movimento buscou uma nova visão da natureza, o espírito de revolta contra a energia nuclear e os pretensos progressos técnicos, a única energia nova de nosso pensamento político e social.

Este movimento tentou mobilizar a sociedade com o intuito de propor-lhes soluções à questão natural, dentro de um quadro de vasta reflexão teórica.

Foi o naturalismo ativo que situou as decisões que se referem às nossas tecnociências e às nossas relações com a natureza, para dentro das decisões políticas normais. Ampliou-as ao domínio social e mesmo ao cultural. E, fez isso porque estava presente nas eleições.

2.1.4 Naturalista

Atualmente, o movimento em vigor é o naturalista, que é a mais certa reserva de iniciativas e de ideias, segundo Moscovici (2007). Nele está o sentido da natureza, a paixão de guardar um laço vivo com ela, de servi-la e respeitá-la. Mesmo que esse não tenha formulado doutrinas na véspera do século XXI, apresenta-se preparado para fazer lucidamente a história humana da natureza, assim como, dois séculos mais cedo esteve também pronto para fazer a história humana da sociedade. Se esse não for um retorno à natureza, pelo menos é o indício que a sociedade começou bem o seu retorno para dentro da natureza.

A partir daqui, percebe-se que as quatro correntes socioambientais descritas por Moscovici (2007) – um autor europeu – apresentam algumas semelhanças e muitas diferenças comparada a análise e estudo de Alier (2007) – um autor americano – que descreveu sobre as correntes do ecologismo.

2.1.5 Culto ao silvestre

Segundo Alier existem três correntes ambientalistas. A primeira é o culto ao silvestre, que critica a perda dos atrativos da natureza e de seus valores intrínsecos, devido à destruição e uso descontrolado dos recursos naturais ou dos componentes da natureza, pela ação do homem. Demonstra um apelo a conservação total do que ainda não foi tocado pela indústria. Conforme a citação abaixo:

[...] ‘o culto ao silvestre’ [...] coloca em discussão uma ‘ação de retaguarda’, que nas considerações de Leopold visam a preservar e manter o que resta dos espaços da natureza original situados fora da influência do mercado. ‘O culto ao silvestre’ surge do amor às belas paisagens e de valores profundos, jamais para os interesses

materiais. A biologia da conservação, que se desenvolve desde 1960, fornece a base científica que respalda essa primeira corrente ambientalista (LEOPOLD, 1970, *apud* ALIER, 2007, p. 22).

2.1.6 Credo da ecoeficiência

A segunda é o credo da ecoeficiência que se baseia nas ações, conhecimentos e técnicas ligadas ao manejo sustentável das atividades econômicas. Conforme citação abaixo:

[...] segunda corrente preocupada com os efeitos do crescimento econômico, não só nas áreas de natureza original como também na economia industrial, agrícola e urbana. Trata-se de uma corrente aqui batizada como ‘credo – ou evangelho – da ecoeficiência’. Sua atenção está direcionada para os impactos ambientais ou riscos à saúde decorrentes das atividades industriais, da urbanização e também da agricultura moderna. [...] Acredita no ‘desenvolvimento sustentável’, na ‘modernização ecológica’ e na ‘boa utilização’ dos recursos (ALIER, 2007, p. 26).

Essas duas correntes, segundo Alier (2007) se inter cruzam, muita das vezes sem demonstrar uma separação cronológica, vivendo atualmente em simultaneidade. Porque se encontram argumentos da atividade econômica em poder utilizar um espaço natural ainda intocado por essa atividade, mas com a justificativa de se utilizar do recurso natural de forma sustentável.

2.1.7 Ecologismo dos pobres

A terceira corrente, segundo Alier denomina-se “ecologismo dos pobres, ecologismo popular ou movimento de justiça ambiental” (2007, p. 33). Devida a grande crescente demanda pela importação e exportação de matéria prima pelos países industrializados, que essa exploração da terra avança em direção a novos territórios. Gerando consequências a grupos sociais que dependem daquele território para sobreviver, e por isso, defendem seus territórios justificando-se pela preocupação de conservação e sacralidade do lugar. Contudo, segundo Alier:

[...] o eixo principal desta terceira corrente não é uma reverência sagrada à natureza, mas, antes, um interesse material pelo meio ambiente como fonte de condição para a subsistência; não em razão

de uma preocupação relacionada com os direitos das demais espécies e das futuras gerações de humanos, mas, sim, pelos humanos pobres de hoje. [...] A ética nasce de uma demanda por justiça social contemporânea entre os humanos (2007, p. 34).

Um exemplo da aplicação dessa corrente é o caso dos pescadores com suas formas artesanais de pesca ter que competir com os empresários que usam barcos com alta tecnologia de pesca, que muitas das vezes esgotam com os bancos pesqueiros.

2.1.8 Comparação entre as correntes socioambientais

Ao comparar as descrições dos dois autores, sobre as correntes de movimentos ambientais, a principal diferença está no fato de Alier (2007) afirmar que as duas primeiras correntes apresentadas não denotam um tempo cronológico de início e fim, ao contrário das correntes ambientais explicitadas por Moscovici (2007) que demonstrou que cada corrente tem um tempo cronológico em que surgiu e tomou mais forma para prevalecer sobre a anterior.

Outra diferença está no movimento do naturalismo reativo que buscou o resgate ao passado para criticar as inovações e tentar reviver as tradições. Ao contrário está o culto ao silvestre que não se opunha a economia, apenas destaca o interesse e a importância em proteger o ainda intocado.

Uma ausência nas correntes apresentadas por Alier (2007) é o naturalismo crítico, de Moscovici (2007), que critica o grande erro do uso desenfreado dos recursos naturais pelo homem, sem haver a preocupação pelos riscos gerados a si mesmos.

Uma semelhança é o movimento do naturalismo ativo que foi a favor das tecnociências, para dar soluções à relação homem e natureza, fazendo-se presente na política. Assim, o credo da ecoeficiência se assemelha por cultivar a favor das técnicas sustentáveis de manejo demonstrando-se muito presente nas leis ambientais.

A corrente do ecologismo dos pobres não se assemelha a nenhuma das correntes naturalistas descritas por Moscovici (2007), nem mesmo a última que ele relata como atual, que é a corrente do naturalismo que parece ser uma corrente filosófica de consciência socioambiental do reencontro homem e natureza. Fato

muito diferente da realidade descrita por Alier (2007) no ecologismo dos pobres que é a exploração da terra mesmo com uso de técnicas avançadas, mas que expandem fronteiras e geram consequências às atividades agrícolas entre outras atividades pobres de tecnologia.

Apesar das diferenças entre as correntes apresentadas, percebe-se que ao lembrar-se do cotidiano e dos fatores históricos da sociedade, pode-se encontrar fatos que se inter-relacionam com cada uma das correntes socioambientais discutidas.

2.2 A RELAÇÃO HOMEM E NATUREZA

A palavra natureza foi substituída por ecologia e meio ambiente. Isso porque depois das duas grandes guerras, segundo Moscovici (2007), as pessoas pareceram adquirir uma cegueira psicológica com relação às consequências da bomba atômica. Fato que criou certo distanciamento entre sociedade e natureza. E, nesse mesmo período, para Morin e Kern (2005) as pessoas, através da generalização da televisão passaram a ser espectadoras das tragédias dos outros lugares, tornando-os solidários apenas enquanto espectadores. Essa situação torna-se mais comum, no momento em que se vive a natureza cibernética, na qual as informações seguem um volume grotesco e incontrolável, quebrando todas as barreiras das formas de mídia.

Além disso, a história natural do homem se transformou em história humana da natureza, no momento em que começou a se criar a caça, a agricultura, as filosofias, as técnicas, as ciências. Situação que fez a história passar por estados de naturezas: orgânica, mecânica e atualmente a cibernética.

A partir dessa história da natureza pode-se concordar com Leff (2001) que a problemática ambiental surgiu nas últimas décadas do século XX como uma crise de civilização, por consequência do crescimento da população sobre os limitados recursos do planeta, as formas de consumo e o progresso capitalista. Questões que Morin e Kern (2005) afirmam sobre o surgimento das grandes catástrofes sem limites, ou seja, de forma transnacional. Apresenta-se, assim, problemas como contaminação das águas, urbanização maciça de zonas costeiras, entre outros presentes nos países industrializados. Já nos países periféricos se presencia as

problemáticas socioambientais ligadas mais à pobreza, alimentação, saúde, desemprego, entre outros.

Atualmente, mais do que nunca, critica-se o progresso a qualquer custo, por não se saber onde ele levará a população. Sendo que esse progresso é sentido em problemáticas como demografia, alimentação, clima e desenvolvimento. Logo, pode-se afirmar que foi a modernidade que criou a sociedade anti-natureza. E, cada vez mais os problemas parecem se interligar, da área central para a periferia e vice-versa a nível local, regional e global, por isso, para Morin e Kern (2005, p. 181) “os problemas do terceiro mundo [...] são sentidos cada vez mais como os problemas do próprio mundo”.

Segundo Moscovici (2007), os movimentos naturalistas vêm a favor de equilibrar, de unir homem e natureza, em mudar a cultura para uma cultura ecológica, de escolhas, de frear esse progresso a todo custo. Com o intuito de chamar a atenção de todos, de conscientizar, de fazer pressão sobre a população mundial, desde o momento em que se percebeu o risco em que se vive a cada dia, com o risco da confiança nos sistemas abstratos retratados por Giddens (1991) como o risco de uma guerra nuclear, o risco das consequências das ações isoladas que atualmente influenciam e interferem no global. Bem como o conceito de sociedade de risco revelada por Beck (1997).

Por outro lado, inúmeras pessoas da sociedade permanecem cegas a esses possíveis riscos, por acreditarem que esses riscos podem ser superados pela noção da fortuna, pela extrema confiança na ciência e na técnica e principalmente na confiança plena nos especialistas, gerando uma confiança de certo modo falsa, de que tudo se resolverá.

Fatos que são confirmados por Giddens quando afirma que: “a experiência global da modernidade está interligada – e influência, sendo por ela influenciada – à penetração das instituições modernas nos acontecimentos da vida cotidiana” (1997, p. 77). Além disso, declara que o homem moderno é insensível a riscos de alta consequência e baixa probabilidade, a partir da aceitação pragmática (sentimento de pessimismo e/ou nutrição de esperança), do otimismo sustentado (apelo emocional baseado na convicção do pensamento racional com base na ciência ou nos ideais religiosos), do pessimismo cínico (pensamento negativo a solução e situação dos fatos, porém com respostas humorísticas para amortecer o impacto emocional da

ansiedade) e do engajamento radical (buscar soluções através da mobilização para reduzir os impactos, a partir de movimentos sociais).

2.3 ECOLOGIA: UMA QUESTÃO POLÍTICA

Graças as correntes naturalistas, desde a década de 1960, que se presencia a ecologia pública, na qual as empresas sentem-se na obrigatoriedade de medir suas ações, uma vez que o julgamento e critério de escolha do consumidor se modificam gradativamente, a partir da consciência ecológica.

Percebe-se, então, a ecologia pública a caminho da ecologia política, sendo esta última também chamada de ecologismo que tem como significado os movimentos naturalistas, porém inseridos na prática política. E, isso só ocorreu porque a ecologia pública mais segura de si, fortalecida por seu eco na opinião pública, deu respaldo ao surgimento da ecologia política, na qual os governos estão inseridos. Contudo, o ecologismo deveria ser aplicado de acordo com o conceito de subpolítica descrito por Beck como uma ação de “moldar a sociedade de baixo para cima” (1997, p. 35). Isso pelo fato que “a subpolítica distingue-se da política porque se permite que os agentes externos ao sistema político ou corporativo apareçam no cenário do planejamento social” (1997, p. 34). Entretanto, Moscovici (2007) revela que há ainda uma grande divergência entre ecologismo e ecologia, pela questão do ecologismo apresentar uma menor preocupação com a natureza do que com a necessidade de satisfazer o mercado ou os eleitores.

Mesmo com essa crítica a divergência ao ecologismo e ecologia, acredita-se que os ecologistas não são sonhadores utópicos, apenas refletem sobre a maneira como a sociedade convive no seu meio, ou seja, sobre a relação sociedade e natureza; que ainda está declarada como a corrida pelo progresso a todo custo, com objetivos de crescimentos infinitos, que não se sabe onde levarão.

O movimento naturalista vem para discutir e debater sobre essas questões, pois é no debate que os que não são ouvidos podem se pronunciar. Situação que se denomina democracia, que para Morin e Kern (2005, p. 112) significa:

A democracia supõe e alimenta a diversidade dos interesses e grupos sociais assim como a diversidade das ideias, o que significa que ela deve, não impor a ditadura da maioria, mas reconhecer o

direito à existência e à expressão das minorias e dos que protestam, e permitir a expressão das ideias heréticas e desviantes.

Ressalta-se, assim, que os ecologistas não são contra o progresso, mas sim contra a forma atual de progresso.

Sabe-se ainda, segundo Moscovici (2007), que na política e na sociedade além da mudança de comportamento, tem que haver uma inversão das prioridades. Bem como a conscientização que o naturalismo tenta eliminar as divisões apropriadas pelo culturalismo, como as divisões entre masculino e feminino, urbano e rural, intelectual e manual.

Desta maneira, o trabalho da educação socioambiental relaciona-se na sociedade, como resgate às práticas ecológicas e sustentáveis, na tentativa de buscar a modificação de costumes e hábitos da sociedade para que viva baseada num “planejamento participativo de estratégias plurais de intervenção” (VIEIRA, 1998, p. 55), ou seja, pautada na filosofia do ecodesenvolvimento descrito por Sachs (2004), no qual se necessita de políticas públicas e engajamentos sociais que permitam o desenvolvimento socialmente incluyente, ambientalmente sustentável e economicamente sustentado. Para isso, busca-se através da educação socioambiental a formação e desenvolvimento da cidadania, empoderamento das comunidades e o desenvolvimento a partir de dentro, ou seja, endógeno.

2.4 TURISMO

Conceituar turismo é fundamental para entender as características peculiares dessa atividade complexa e multidisciplinar, que vão além do sujeito, turista.

É relevante, portanto, demonstrar uma das primeiras definições sobre turismo, conceituada, em 1911, pelo economista Hermamm, que descreveu: “turismo é o conceito que compreende todos os processos, especialmente os econômicos, que se manifestam na chegada, na permanência e na saída do turista de um determinado município, país ou estado” (*apud* BARRETO, 2000, p. 09).

Nessa citação verifica-se a ausência da conotação sobre as motivações que levam ao deslocamento do turista para que o turismo ocorra. Além de demonstrar um viés muito mais econômico, esquecendo-se de refletir sobre os aspectos sociais, culturais e ambientais que o turismo envolve.

Em uma conferência em Ottawa, sobre estatística de viagens e turismo da Organização Mundial do Turismo – OMT, o conceito de turismo foi dado como “*Las actividades que realizan las personas durante sus viajes y estancias en lugares distintos al de su entorno habitual, por un período de tiempo consecutivo inferior a un año, con fines de ocio, por negocios y otros motivos*” (1995, p. 01). Percebe-se, então, que desde 1995, a OMT inclui no conceito de turismo a correlação das motivações que fazem com que o turista se desloque.

Os conceitos sobre turismo são diversos e a própria OMT afirma dez anos depois que:

Devido à relativa juventude do turismo como atividade socioeconômica em geral e a seu complexo caráter multidisciplinar (o turismo engloba uma grande variedade de setores econômicos e de disciplinas acadêmicas), há uma ausência de definições conceituais claras que delimitem a atividade turística e a distingam de outros setores (OMT, 2001, p. 35).

Ainda assim, esta é uma das poucas definições que reforça a importância dessa atividade, mesmo sem conseguir defini-la de maneira em geral.

Mesmo assim, outros estudiosos continuam a tentar, e Jafari conceitua o turismo como: “É o estudo do homem longe de seu local de residência, da indústria que satisfaz suas necessidades, e dos impactos que ambos, ele e a indústria, geram sobre os ambientes físicos, econômico e sociocultural da área receptora” (*apud* BENI, 2007, p. 36).

Logo, compreende-se que para muitos a importância de se definir turismo, está no aspecto de abordar seu impacto sob as três vertentes, no momento que ocorre a prática da atividade turística.

Fato que também é percebido quando Goeldner *et. al.* afirmam que “o turismo pode ser definido como a soma de fenômenos e relações da interação de turistas, empresas, governos locais e comunidades anfitriãs, no processo de atrair e receber turistas e outros visitantes” (2002, p. 23).

Nessa citação é pertinente observar que só foi conceituado o turismo no destino que ele ocorre, pois é revelada a interação política e social entre o *trade* turístico, o poder público e a sociedade na missão de criar procedimentos de como atrair e receber os turistas.

Em 2001, segundo a OMT (p. 38), “o turismo compreende as atividades que realizam as pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes ao seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras”. Contudo, apesar da pequena mudança, ou seja, da inclusão da conceituação do tempo que o turista despenderá no destino, o aspecto da motivação da viagem continua em voga.

Assim, percebe-se que o turismo é uma atividade praticada quando há um deslocamento do indivíduo para fora do seu entorno habitual, num certo período de tempo, por qualquer motivo; independente se o destino escolhido apresente uma organização turística consolidada. Então, quem pratica essa atividade cumprirá com as normas que lhes é apresentada.

Além de exemplificar o conceito de turismo, faz-se relevante apontar o conceito de turista que está relacionado às questões das motivações da viagem. Isso é perceptível na citação abaixo que revela o conceito de turista:

Visitantes temporários que permanecem pelo menos vinte e quatro horas no país visitado, cuja finalidade de viagem pode ser classificada sob um dos seguintes tópicos: lazer (recreação, férias, saúde, estudo, religião e esporte), negócios, família, missões e conferências (NAÇÕES UNIDAS, *apud* BENI, 2007, p. 35).

Todavia, também é relevante discutir para que serve o turismo para o turista. E, Krippendorf (2000) apresenta uma resposta, quando afirma que o turismo serve como válvula de escape: para que o homem se cure do cansaço do seu dia a dia, da sua rotina frenética, da percepção de que tudo na sua casa ou no seu entorno são ruins e piores. Revela também que o turismo é utilizado para o homem ficar novamente em forma e conseguir suportar novamente o seu cotidiano. Com isso, o seu desejo de voltar para as férias começa a se repetir com muita frequência, com o passar dos anos, pois para ele, o turismo é uma atividade de necessidade insaciável.

É nessas viagens que as pessoas, por mais que tentem fugir da rotina e descansar, levam consigo, como afirma Krippendorf (2000) os seus hábitos e exigências do seu cotidiano. Esse fato começa no arrumar as malas, que guardam objetos dos quais a pessoa diria não conseguir viver sem. Essas pessoas em outro destino, não querem seguir normas, mas querem que as coisas aconteçam da

maneira como elas estão acostumadas, com o seu conforto desejado. Isso se deve a sua sensação de sentir-se livre e deslocar-se já com o estereótipo sobre o destino.

Essa sensação de sentir-se livre no lugar no lugar que foi escolhido, é devido à motivação que o levou a escolher aquele destino turístico. Krippendorff (2000) revela numa pesquisa sobre motivação da viagem, realizada na Alemanha, em 1985, na qual o entrevistado podia marcar quantos motivos de viagem ele quisesse. Logo, 64% das pessoas que viajaram durante as suas férias, a fizeram para se desligar, relaxar. E, 57% a fizeram para fugir da vida diária e mudar de ambiente. As outras inúmeras opções que apareceram devem-se a grande variação de motivações que podem existir na escolha pelo destino turístico.

Essa grande variação de motivação da viagem advém da principal característica da demanda turística, que é a heterogeneidade, segundo Beni, 2007. Agregado a esse conceito, diversos fatores influenciam a motivação da viagem, como os fatores sociais, econômicos, ambientais e culturais. Logo, um estudo sobre as motivações da viagem é importante para o planejamento turístico, para o qual é necessário identificar, o porquê da demanda turística naquele destino turístico, em específicas épocas do ano. Pois,

a necessidade de se ajustar a oferta turística à demanda conduziu os poderes públicos e os meios profissionais a analisarem a demanda turística para encontrar soluções tanto provisórias quanto definitivas, visando canalizar da melhor forma o fluxo de consumidores (BENI, 2007, p. 239).

Desta maneira, é relevante ter em mente que a atividade turística é complexa e seu desenvolvimento é mais eficiente se ocorrer de maneira interdisciplinar, levando em consideração os fatores que levam a existência do turismo, as características distintas da demanda turística, as diversas características da oferta turística, os canais de distribuição, o conjunto das relações ambientais e as determinantes da superestrutura e da infraestrutura, entre outros fatores que se interligam a dinâmica do turismo.

2.5 EDUCAÇÃO SOCIOAMBIENTAL E A SUSTENTABILIDADE DO TURISMO

Planejar e ordenar o desenvolvimento da atividade turística requer um trabalho conjunto com predisposição de antes melhorar o desenvolvimento urbano e socioambiental do local para o atendimento rotineiro da população residente. Isso significa que o lugar onde será estruturado e organizado o turismo, tem que haver uma população engajada nos projetos de melhorias da cidade e cidadãos que lutem pelo exercício de seus direitos e deveres, participando ativamente das tomadas de decisões quanto à organização política da cidade.

O envolvimento da comunidade deve ser desenvolvido a partir da técnica do planejamento participativo, que “implica a participação de todos os setores da sociedade e de todos os indivíduos” (MOLINA, 2001, p. 126). Porque se essa comunidade for inserida na atividade turística, pode reduzir, assim, a sua marginalização e a dos pequenos empreendimentos nos quais geralmente significativas parcelas dela se inserem. Sendo que essa marginalização pode apresentar “dimensões ideológica, cultural, política, econômica e social” (MOLINA, 2001, p. 126).

Assim, demonstra-se a importância da participação da comunidade no processo de desenvolvimento do turismo no destino para que contribua com o desenvolvimento sustentável do turismo que:

atende as necessidades dos turistas de hoje e das regiões receptoras, ao mesmo tempo em que protege e amplia as oportunidades para o futuro. É visto como um condutor ao gerenciamento de todos os recursos, de tal forma que as necessidades econômicas, sociais e estéticas possam ser satisfeitas sem desprezar a manutenção da integridade cultural, dos processos ecológicos essenciais, da diversidade biológica e dos sistemas que garantem a vida (OMT, 2003, p. 24).

Esse fato se torna verídico ao estudar algumas das obras de Irving, que relata sobre o fator chave da sustentabilidade no desenvolvimento regional do turismo. Uma vez que Irving (2002) afirma:

[...] alguns pressupostos sejam trabalhados mais amplamente na direção do denominado turismo sustentável, entre os quais, a co-responsabilidade, o envolvimento efetivo das populações locais na tomada de decisões, o compromisso de geração de renda às populações do destino turístico a ser desenvolvido [...] (IRVING, 2002, p. 26-27).

Desta maneira, percebe-se que o engajamento da população local no desenvolvimento regional do turismo é uma premissa importante para começar uma longa etapa para se alcançar o desenvolvimento sustentável.

Para agregar valor nessa empreitada é fundamental o engajamento da educação socioambiental como norteadora desse desenvolvimento que deve apresentar uma parceria entre o poder público, a iniciativa privada, o terceiro setor e a comunidade local. No entanto, a lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999 que dispõe sobre a educação ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental, afirma que:

Art. 1º Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (PLANALTO DO GOVERNO, 2011).

Apesar dessa lei normatizar a forma como a educação ambiental pode propiciar a construção e disseminação do conhecimento específico para a boa conduta do homem com o meio ambiente, não é essa conduta do homem que se vê na prática do turismo.

Segundo Matheus *et al.* (2005, p. 04), “o que se observa na maior parte das áreas onde são praticadas atividades de lazer e turismo é a quase total despreocupação em preservar o ecossistema envolvente, tratando-o como mais uma mercadoria a ser consumida”.

Essa citação revela um fato real que vai ao contrário do que é proposto nas campanhas publicitárias de turismo e nas metas e programas descritos nos planos de desenvolvimento do turismo. Por isso, espera-se que o poder público faça valer a lei de educação ambiental nacional nas outras esferas, para que essa temática faça parte do ensino escolar básico e seja difundido nos hábitos e costumes da população local, e, principalmente, nas leis ambientais que normatizam a prática do turismo em áreas urbanas e naturais.

É desta maneira que Ruschmann (1997) também vê a aplicação, no caso, das ações de conscientização ambiental, sendo regidas pelo poder público no âmbito do monitoramento, avaliação e fiscalização.

[...] as ações de conscientização ambiental devem, indispensavelmente, voltar-se para o poder público que, como “dono” dos recursos naturais, é responsável pelas leis de zoneamento para uso e ocupação do solo, e muitas vezes atua permissivamente, e para o poder econômico, quase sempre interessado no lucro a curto prazo e a qualquer preço. A postura de empresário do setor com relação à proteção do meio ambiente constitui o primeiro estágio para a conscientização ambiental de seus clientes.

Essa participação e iniciativa do poder público com relação à educação ambiental podem parecer mais distante ainda da realidade e de um futuro próximo, uma vez que Irving (2002) revela que:

[...] a educação ambiental é entendida como de importância secundária na implementação de políticas públicas. Essa questão é crítica quando se considera a educação ambiental como premissa essencial ao desenvolvimento turístico qualificado como sustentável (IRVING, 2002, p. 29).

Esse fato pode ser muito questionado uma vez que a palavra sustentabilidade se vê estampada na maioria dos discursos e textos políticos. Assim, se a educação socioambiental não é uma premissa principal das políticas públicas de maneira em geral; como o poder público em seus planos nacionais, estaduais e municipais de turismo pode exigir por um desenvolvimento sustentável de turismo, no qual: a cidadania, a gestão participativa e descentralizada são palavras chaves para esse tal desenvolvimento de base sustentável?

Logo, questiona-se também, se Curitiba através de suas campanhas institucionais tem demonstrado ao longo das últimas décadas seu forte compromisso ambiental; será que a educação socioambiental tem sido trabalhada como ferramenta indutora do desenvolvimento sustentável do turismo?

Por essa falta de consciência, responsabilidade e atitude humana com relação ao trato com o meio ambiente, que a compreensão sobre educação ambiental nesse trabalho é vista como educação socioambiental. Para enfatizar que essa educação deve ser aplicada e desenvolvida sobre a construção de valores éticos, morais e culturais que norteiem a sociedade na utilização responsável do meio ambiente enquanto recurso para a vida humana. Assim, a compreensão que orienta o conceito de educação socioambiental dá-se pela:

Orientação da prática educativa formal ou não. Mediante a qual os sujeitos, individual e/ou coletivamente buscam apreender as dinâmicas dos meios naturais, sociais e relações entre sociedade e natureza (interdependências), para desenvolver atitudes nítidas, a partir de questionamentos referenciados e ações responsáveis (solidárias e criativas) em termos da cidadania socioambiental, em vista da sustentabilidade da vida: manutenção do patrimônio natural e cultural e acesso universal aos bens da cidadania (CARNEIRO, 2010).

Observa-se, então, que a educação socioambiental é de suma importância na organização do turismo, pois esta habilita e facilita o aprendizado, a partir de técnicas de educação formal, informal ou não-formal para que sejam assimilados a importância do bem natural, do ser humano e suas inter-relações de desenvolvimento que podem gerar benefícios e trocas mútuas de valores ou gerar sérios prejuízos para ambas as partes. Será a partir dessa compreensão que se efetivará o papel do cidadão e turista corresponsável por suas atitudes perante o meio ambiente e seu entorno. Fatores que harmonizará uma cidadania socioambiental, em prol da sustentabilidade da vida.

Assim, mesmo que o poder público não seja o sujeito principal no desenvolvimento da educação socioambiental no turismo, a sugestão de Irving (2002) para que esse desenvolvimento turístico siga em direção ao sucesso é a prioridade do engajamento dessa organização turística vir de forma endógena.

A experiência na implementação de projetos de desenvolvimento com forte compromisso ambiental ou centrados na conservação de recursos naturais tem demonstrado que as iniciativas de educação ambiental dirigidas ao turismo são consistentes quando geradas a partir da própria comunidade ou construídas com sua participação, como resultante de sua percepção de valor do bem natural (IRVING, 2002, p. 33).

Observe que para haver esse engajamento endógeno da população local, é necessário avaliar e diagnosticar o grau do princípio de pertencimento, precaução e responsabilidade que os residentes da cidade apresentam com relação ao seu entorno habitual que será provavelmente o entorno temporário vivenciado pelo turista durante sua viagem.

Faz-se relevante, então, apresentar algumas teorias acerca dos princípios mencionados.

2.5.1 Princípio Responsabilidade

Mesmo com as experiências vividas na natureza, os indivíduos de uma comunidade apresentam costumes e valores que para eles podem não ser assimilados como erro. Partindo do princípio que a questão de certo ou errado são características de valor criadas pela sociedade com o passar da história; ao julgar o passado, viver o presente e supor sobre o futuro. Desta maneira, faz-se pensar que a dicotomia entre o bem e o mal, o certo e o errado contextualiza-se dentro de cada grupo social que é influenciado pelas circunstâncias sociais internas e externas do egocentrismo e do etnocentrismo. E, é desta subjetividade da construção de valores e conceitos que a noção de responsabilidade surgirá.

Assim, ao refletir sobre como internalizar e construir a concepção de responsabilidade no indivíduo, observa-se a mudança das técnicas do homem e suas consequências boas e ruins, dependendo do grupo de classe social que usufrui da nova técnica e da forma como os recursos naturais são utilizados por essa técnica. Ressalta-se ainda que as mudanças da técnica e do saber do homem estão em todos os campos do conhecimento, como é o caso da biotecnologia que acaba envolvendo o direito da vida humana.

Desse modo, com o poder da técnica e do saber do homem, este vai dominando a natureza e, sem perceber, constrói armadilhas para si mesmo. Armadilhas que foram construídas desde o momento em que, segundo Jonas (2006, p. 33), “a natureza não era objeto da responsabilidade humana”; estando no campo da responsabilidade e da ética, apenas a relação entre os homens. Assim, “é nesse quadro intra-humano que habita toda ética tradicional, adaptada às dimensões do agir humano assim condicionado” (JONAS, 2006, p. 34). Logo, “toda ética tradicional é antropocêntrica” (2006, p. 35) e remete-se a ação do presente.

Por isso é compreensível quando Moscovici afirma que “a maior parte das sociedades – e notoriamente as sociedades modernas – formou-se contra a natureza, determinada a explorá-la e a transformá-la pela violência” (2007, p. 32).

Percebe-se, então, que a conotação de responsabilidade pelo problema necessita de novas concepções, uma vez que “nenhuma ética anterior vira-se obrigada a considerar a condição global da vida humana e o futuro distante, inclusive a existência da espécie” (JONAS, 2006, p. 41).

Assim, preconiza-se que para a contemporaneidade, o agir de forma responsável deverá estar ligado à noção de garantir a ação responsável no futuro. E, isso irá se internalizar no homem, no momento em que ele perceber que agora o homem é o objeto do seu dever, ou seja, ele agora tem o dever de não destruir a natureza, para que não ponha em risco a própria existência.

Logo, para não eliminar e ameaçar a existência da vida humana, o homem passa a querer e a ter a vontade como autocontrole do seu poder em relação ao seu próprio Ser, para então ter o dever de mudar, de agir e de colocar a responsabilidade no centro da moral.

Percebe-se, então, que atualmente o campo da responsabilidade além de se direcionar apenas à relação entre homem e homem, coloca-se também no campo da relação homem e natureza. Uma vez que para Jonas (2006, p. 352) “a responsabilidade é o cuidado reconhecido como obrigação em relação a um outro ser, que se torna ‘preocupação’ quando há uma ameaça à sua vulnerabilidade”. Essa ameaça encontra-se no risco certo e incerto proveniente da conduta errônea do homem com a natureza.

Ainda, contudo, há comunidades que não internalizaram esse aspecto de responsabilidade com a natureza. Isso porque ainda não houve uma reação emocional para haver a consciência ambiental, ou seja, ainda não houve indignação, logo essa consciência ainda não se internalizou nessas comunidades. Essa ideia está apoiada no seguinte fato: “os problemas humanos, quer sejam econômicos, políticos ou sociais, dependem do centro psicológico da motivação, dos valores e atitudes que dirigem as energias para os objetivos” (TUAN, 1980, p. 01). Até por que, para Jonas:

Quanto mais no futuro longínquo situa-se aquilo que se teme, quanto mais distante do nosso bem-estar ou mal-estar, quanto menos familiar for o seu gênero, mais necessitam ser diligentemente mobilizadas a lucidez da imaginação e a sensibilidade dos sentidos (2006, p. 352).

Dessa maneira, ao iniciar uma discussão e reflexão sobre a complexidade do dever agir do homem, percebe-se que é necessário identificar nos indivíduos que integram as comunidades, o grau de internalização da concepção de que para manter sua existência na Terra, deve-se agir responsável com relação aos

problemas socioambientais, na utilização dos recursos naturais e no uso público do patrimônio cultural.

2.5.2 Princípio Pertencimento

Esse princípio revela o contexto do neologismo classificado por Tuan como topofilia que representa a percepção, as atitudes e os valores do homem com o meio ambiente, ou seja, “é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar” (1980, p. 05).

Dessa maneira, deve-se levar em conta que a percepção do homem com o meio ambiente está direcionada à contextualização dos sentidos humanos. Pois, a forma como serão utilizados e a frequência do uso dos sentidos permitirão a reflexão sobre a percepção dos fatos. Ressalta-se, ainda, que “não somente as atitudes para com o meio ambiente diferem, mas difere a capacidade real dos sentidos” (TUAN, 1980, p. 14).

Propiciada por essas diferenças da percepção dos sentidos que se observa o contexto distinto entre a percepção do visitante e do nativo. Dado ao fato que, segundo Tuan, “em geral, podemos dizer que somente o visitante (e especialmente o turista) tem um ponto vista; sua percepção frequentemente se reduz a usar os seus olhos para compor quadros” (1980, p. 72). Do outro lado, há o nativo que convive e faz parte do ambiente cotidiano do lugar, por isso, Tuan afirma que “o nativo tem uma atitude complexa derivada da sua imersão na totalidade de seu meio ambiente” (1980, p. 72).

Para compreender essa distinção deve-se também, levar em consideração os antecedentes sociais e educacionais para que se possa analisar o comportamento dos residentes, observando-os pelas próprias experiências.

Assim, as atitudes dos nativos serão, geralmente, bem diferentes dos visitantes, visto que suas concepções, seus valores, seus ideais e suas análises daquele ambiente divergem pela questão da experiência vivida com o local e o entorno. Logo, o pesquisador e também o visitante devem observar o lugar através da empatia com relação às vidas e valores dos habitantes. Para que assim, a utilização daquele espaço possa ocorrer de forma mais construtiva, em busca de um apelo pela afeição com o lugar.

Além desses fatores, deve-se ressaltar que para Tuan (1980), os defeitos daquela cidade podem passar a ser ignorados ou acoplados ao convívio diário dos habitantes de forma que não os perceba mais. Por outro lado, para o visitante aquele defeito pode ser mais visível e alarmante, uma vez que “a avaliação do meio ambiente pelo visitante é essencialmente estética” (TUAN, 1980, p. 75).

Por isso, é de grande valia a concepção de Tuan quando diz que “a percepção e os julgamentos do meio ambiente das pessoas nativas e dos visitantes mostram pouca coincidência, porque suas experiências e propósitos pouco têm em comum” (1980, p. 285).

Deve-se levar também em consideração que a característica de afeição, de sentir posse e parte daquele lugar é muito peculiar de pessoa para pessoa, independentemente do grupo social a qual faz parte. Porque, segundo Tuan “o indivíduo transcende a influência penetrante da cultura. Todos os homens compartilham atitudes e perspectivas comuns, contudo a visão que cada pessoa tem do mundo é única e de nenhuma maneira é fútil” (1980, p. 285).

Devido às características tão peculiares da natureza humana e dos seus sentimentos e valorações, que se compreende quando Tuan (1980) demonstra dúvida e indagação sobre a possibilidade do homem apresentar uma afeição por todo o Estado, por todo o Império, quem dirá por toda a Terra. Por outro lado, para Morin, essa afeição em maior amplitude espacial seria possível através da estratégia da busca pela hominização, uma vez que, atualmente, faz-se necessário a união do homem pelo mundo, pois “a ecologia tornou-se um problema político não apenas local (degradação dos ecossistemas), mas também global (alteração da biosfera)” (2003, p. 136).

Assim, é possível pensar que o indivíduo quando turista pode apresentar algum grau de afeição e de pertencimento pela Terra e pelo lugar visitado, porque se vive numa fase da urgência pela consciência ecológica planetária e pela política da responsabilidade planetária.

No grupo do visitante está também o residente local, que para Tuan (1980), apresenta afeição ao lugar de seu entorno, pois conhece bem sua história e suas transformações; sendo que seu entorno é também sua casa. Esse residente local também pode demonstrar afeição e sentimento de pertença com o Estado, o País e com a Terra, uma vez que “a Terra é indubitavelmente uma unidade natural e tem uma história comum” (TUAN, 1980, p. 117).

2.5.3 Princípio Precaução

Esse princípio é necessário ser identificado nos visitantes e turistas do destino, em vista da sociedade de risco em que a população planetária vive, atualmente. Segundo Beck (1997), a sociedade de risco é o estágio em que começam a tomar corpo as ameaças produzidas pela auto-limitação do desenvolvimento. Assim, havendo uma tarefa de re-determinar os padrões de responsabilidade, segurança, controle, limitação do dano e distribuição das conseqüências do dano. Porém, alguns dos problemas socioambientais não são facilmente determinados pela ciência. E, a definição do perigo é sempre uma construção cognitiva e social.

Na sociedade de risco, o reconhecimento da imprevisibilidade das ameaças provocadas pelo desenvolvimento técnico-industrial exige a auto-reflexão em relação às bases da coesão social e o exame das convenções e dos fundamentos predominantes da 'racionalidade'. No autoconceito da sociedade de risco, a sociedade torna-se reflexiva (no sentido mais estrito da palavra), o que significa dizer que ela se torna um tema e um problema para ela própria. (BECK, 1997, p. 19).

Nessa linha de raciocínio observa-se o princípio de precaução, aplicado às atividades de empresas ou Estados no âmbito do direito internacional ou nacional, o qual “foi adotado durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD) de 1992 e incluído na Declaração sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento do Rio de Janeiro” (SILVA, *In*: VARELLA; PLATIAU, 2004, p. 75). Declarado como princípio 15, segue a lógica de impedir que certos danos graves ou irreversíveis ocorram, mesmo que não se saiba ainda sobre as questões científicas que comprovam o risco.

Até o momento, segundo Kiss (*In*: VARELLA; PLATIAU, 2004) o princípio de precaução tem sido aplicado, apenas, com relação à proteção ambiental, não levando em consideração outras áreas como: cultura e arte; que também estão associadas ao direito das gerações futuras.

Para melhor compreender esse princípio deve-se ter em mente que o mesmo remete-se à questão do cuidado, no caso desse Plano de Trabalho, ao meio

ambiente. Esse cuidado é necessário porque existe um risco hipotético ou certo, sendo que quando o risco é hipotético, o princípio de precaução deve ser aplicado. Já quando o risco é certo, o princípio de prevenção que deve ser aplicado.

Essa distinção advém da área do conhecimento do Direito, que revela que “no caso da precaução, trata-se da probabilidade de que a hipótese seja exata; no caso da prevenção, o perigo está estabelecido e trata-se da probabilidade do acidente” (KOURILSKY; VINEY, 2000 *apud* SILVA, In: VARELLA; PLATIAU, 2004, p. 84).

A necessidade de se conhecer e aplicar o princípio de precaução, tanto no âmbito da justiça quanto no cotidiano dos cidadãos, está no fato de não haver uma clareza na dimensão de tempo e proporção dos riscos, advindos pelo crescimento desenfreado do desenvolvimento tecnicista para uma maior comodidade do homem. Por isso e por outros fatores, que Beck (1997) descreve sobre a sociedade de risco e a modernização reflexiva.

Para o bem-estar da sociedade e para a conservação do patrimônio natural, deve-se identificar, nos visitantes e turistas, a noção de risco da prática de ações – classificadas como errada – no convívio e utilização do meio ambiente. Dessa maneira, facilitará o processo de análise do grau de internalização da noção de risco e das atitudes de precaução com relação aos possíveis e reais problemas socioambientais identificados na cidade.

Depois dessa reflexão crítica acerca da internalização dos princípios morais no cotidiano do residente local, observe a análise realizada nos documentos que norteiam as políticas públicas do turismo no Brasil, no Paraná e em Curitiba.

2.6 PLANO NACIONAL DE TURISMO 2007-2010

Neste capítulo buscar-se-á, a partir do PNT 2007-2010 identificar a presença de metas ou programas relacionadas a educação socioambiental para o turismo.

Primeiramente, observa-se na capa e contracapa frases soltas e contínuas descritas

uma viagem de inclusão, preservação do meio ambiente, desenvolvimento sustentável, geração de emprego, turismo para todos, mais turistas, mais empregos, gestão participativa, mais divisas para o Brasil, desenvolvimento regional, preservação do

patrimônio cultural, função social do turismo, qualificação profissional (PNT, 2007, capa).

Na sequência, a leitura nos privilegia com as palavras do Presidente da República, na época, Luiz Inácio Lula da Silva; que demonstrou satisfação com o Brasil quanto as suas belezas naturais e uma expectativa positiva sobre o desenvolvimento sustentável e a preservação do meio ambiente; como é demonstrado abaixo:

O Século XXI vai ser marcado como o século do desenvolvimento sustentável e da preservação do meio ambiente. O turismo ambiental e sustentável tem aqui um potencial no qual poucas nações do mundo podem se comparar ao Brasil. Nossas belezas naturais, rios, florestas, mananciais, praias e montanhas são um atrativo sem concorrência neste mundo assustado pelo aquecimento global e pela destruição da natureza (PNT, 2007, p. 07).

Na expectativa de encontrar diretrizes e metas para garantir o turismo sustentável, observa-se no texto as Diretrizes para o desenvolvimento do turismo onde são abordados a visão e os objetivos.

Percebe-se, assim que existe um intuito amplo e uma nova proposta para o modelo de desenvolvimento no País. Porém, a dúvida que ainda permanece é de quais soluções no campo ambiental estão falando na citação abaixo?

O modelo de desenvolvimento proposto pelo governo contempla e harmoniza a força e o crescimento do mercado com a distribuição de renda e a redução das desigualdades, integrando soluções nos campos econômico, social, político, cultural e ambiental (PNT, 2007, p. 17).

E essa dúvida permanece durante boa parte do documento que continua a demonstrar a garantia de um desenvolvimento sustentável ambientalmente, ou seja:

O turismo pode ser uma importante ferramenta para o alcance dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, particularmente com relação à erradicação da extrema pobreza e da fome, à garantia de sustentabilidade ambiental e ao estabelecimento de uma parceria mundial para o desenvolvimento (PNT, 2007, p. 17).

Percebe-se, então, que este texto inicial tem apenas cunho político que não demonstra a objetividade das ações, e, sim, frases que não revelam ações concretas.

Desta maneira, continuando a análise observa-se a visão desse Plano que para a questão ambiental é esperado que apenas se respeite:

A criação de emprego e ocupação, a geração e distribuição de renda, a redução das desigualdades sociais e regionais, a promoção da igualdade de oportunidades, o respeito ao meio ambiente, a proteção ao patrimônio histórico e cultural e a geração de divisas sinalizam o horizonte a ser alcançado pelas ações estratégicas indicadas (PNT, 2007, p. 18).

Essa visão pode ser favorável se na parte das diretrizes desse Plano, o respeito ao meio ambiente esteja presente nas leis e políticas de incentivo para o *trade* turístico, na tentativa do engajamento socioambiental e não na maneira depredadora como demonstrado atualmente nos livros, jornais e *in loco* sobre a poluição gerada pelos cruzeiros marítimos, das aeronaves e do uso de piscinas naturais em Porto Seguro-BA, por exemplo. Como exemplo a ser dado em Curitiba, seria o caso do impacto ambiental dos voos domésticos e internacionais. Uma vez que:

As aeronaves produzem emissões similares às produzidas pelas outras fontes antropogênicas que utilizam combustíveis fósseis. A diferença é que as emissões das aeronaves ocorrem desde o nível do solo até em altas altitudes, na estratosfera inferior (VIEIRA, 2009, p. 93)

Já na leitura dos objetivos das diretrizes encontra-se a única maneira que eles, talvez, identificaram como objetivo de alcançar a tal sustentabilidade do turismo utilizando um sistema de informações turísticas para avaliação e monitoramento.

Consolidar um sistema de informações turísticas que possibilite monitorar os impactos sociais, econômicos e ambientais da atividade, facilitando a tomada de decisões no setor e promovendo a utilização da tecnologia da informação como indutora de competitividade. (PNT, 2007, p. 18).

Ao tentar diminuir o olhar crítico sobre esse tão importante documento, encontra-se a abordagem sobre os programas de desenvolvimento do turismo, como

o PROECOTUR que é o Programa de Desenvolvimento da Região da Amazônia Legal com parceria do Ministério do Meio Ambiente e os PRODETUR (Programas de Desenvolvimento do Turismo) que abrangem as regiões do país, como Norte, Sul e Juscelino Kubistchek, Nordeste. Como o foco desse trabalho não é analisar esses programas de desenvolvimento, não será abordado criticamente sobre estes.

Contudo, é importante informar que esses programas auxiliam e apoiam a situação do quadro atual do turismo no Brasil, na parte de infraestrutura de apoio ao turismo que conforme citação abaixo aponta a carência do setor para essa questão.

O turismo no País se recente de uma carência de infra-estrutura de apoio que propicie o seu desenvolvimento com qualidade e sustentabilidade, particularmente no que se refere à acessibilidade e ao saneamento ambiental, não obstante a priorização dos recursos destinados à atividade nos últimos anos (PNT, 2007, p. 37).

Com o intuito de resolver ou ajudar a melhorar esse impasse e outros, com relação ao desenvolvimento com qualidade e sustentabilidade, que se buscou na parte das metas do PNT a solução para esse problema. Assim, nesse Plano Nacional a meta principal é estruturar 65 destinos turísticos com padrão de qualidade internacional.

Pretende-se que, até o final de 2008, 15 desses destinos possam estar estruturados e ter alcançado esse padrão modelar de qualidade referido, por meio da atuação do MTur e suas instituições parceiras, nos âmbitos nacional, estadual, regional e municipal. Essa ação deve ser desenvolvida com base no princípio da sustentabilidade ambiental, sociocultural e econômica, trabalhando de forma participativa, descentralizada e sistêmica, estimulando a integração e a consequente organização e ampliação da oferta turística. (PNT, 2007, p. 54).

Sobre o desenvolvimento dos destinos indutores do turismo no Brasil, sabe-se que todas as capitais foram escolhidas, logo Curitiba foi eleita como destino indutor e isso significa que “aqueles que possuem infraestrutura básica e turística além de atrativos qualificados e são capazes de atrair e/ou distribuir significativo número de turistas para seu entorno e dinamizar a economia do território em que está inserido” (PEREIRA, 2009).

Com a leitura do PNT notou-se também que existe a prioridade de se fazer uma gestão descentralizada e participativa, interligando diversas áreas de

interferência direta ou indireta com o turismo. Para que dessa maneira, o seu desenvolvimento se dê num maior comprometimento e apoio institucional.

E, para alcançar a visão, os objetivos e as metas desse PNT, criaram-se macro programas que se subdividem em programas para tratar dos temas prioritários. Como é o caso do macro programa planejamento e gestão, que já na sua descrição demonstra o seu intuito de priorizar pela descentralização participativa, uma vez que: “é importante ampliar a implantação de ações integradas com o Ministério do Meio Ambiente, da Cultura, do Desenvolvimento Agrário e da Indústria e Comercio, entre outros” (PNT, 2007, p. 61). Como resposta a essa ação, criaram para esse macro programa, o Programa de Implementação e Descentralização da Política Nacional de Turismo.

Nesse mesmo programa estima-se também buscar a transversalidade do tema turismo para que todas as outras áreas de interseção cooperem e ajudem nesse desenvolvimento que não pode ocorrer apenas com o interesse do Ministério do Turismo e, sim, com o interesse de todos, uma vez que essa interface se faz estratégica no desenvolvimento da área principalmente com base na Agenda Ambiental para o Turismo, como é relatado no documento.

O outro programa que também está ligado a esse macro programa é o de relações internacionais que busca uma interligação com as agências da ONU em prol ao meio ambiente, e busca também identificar as melhores práticas do turismo para orientação de políticas e ações do MTur.

Outro macro programa interessante e com direcionamento bom para o desenvolvimento socioambiental do turismo é o de informação e estudos turísticos, que revela: “A geração de indicadores básicos para a análise do setor de turismo é essencial para garantir as condições necessárias para que se apure a magnitude da atividade e se avalie o seu impacto na economia, bem como os seus impactos de caráter socioambiental” (PNT, 2007, p. 64). É a partir desses indicadores básicos que esperam alcançar as soluções para os impactos ambientais, uma vez que essa iniciativa permitirá avaliar e monitorar os impactos de maneira geral da atividade turística.

Já no macro programa de Regionalização do Turismo há o Programa de Apoio ao Desenvolvimento Regional do Turismo onde nele estão inseridos os Programas já citados como PRODETUR (Programa de Desenvolvimento do Turismo). Neles a questão do meio ambiente é diagnosticada na Avaliação

Ambiental Estratégica e na responsabilidade do MMA sobre o PROECOTUR (Programa de Desenvolvimento do Ecoturismo). Deve-se informar também que esse programa:

Atua por meio de ações como elaboração de planos diretores e fortalecimento da gestão municipal, capacitação profissional e empresarial, estudos de mercado turístico nacional e internacional, planos de gestão ambiental, plano de marketing, além das intervenções em infra-estrutura de transporte, de saneamento ambiental, de conservação de patrimônio histórico, entre outras, com recursos de financiamento internacional (PNT, 2007, p. 71).

Outro macro programa que se pode compreender como essencial no direcionamento de desenvolvimento sustentável é o de infraestrutura pública, no qual a palavra chave é a ação participativa e descentralizada que dá lugar ao Programa de Articulação Interministerial para Infra-Estrutura de Apoio ao Turismo. E, é nesse Programa que o MMA está também envolvido.

Terminada a leitura, nota-se que não existe um programa de educação socioambiental para ajudar o melhor desenvolvimento do turismo com o intuito de direcioná-lo a prática da sustentabilidade.

Ao tentar relacionar o Plano Nacional do Turismo com o marco teórico, percebe-se que segundo as correntes socioambientais apresentadas por Alier (2007) a que se assemelha ao discurso desse Plano é o credo da ecoeficiência, pois se baseia nas ações, conhecimentos e técnicas ligadas ao manejo sustentável das atividades econômicas. Quanto às correntes apresentadas por Moscovici (2007) pode-se comparar com o naturalismo ativo que se refere as nossas tecnociências e às nossas relações com a natureza, para dentro das decisões políticas normais.

2.7 PLANO DE DESENVOLVIMENTO DO TURISMO DO PARANÁ 2008-2011

A leitura desse plano demonstra, já no início, o objetivo com relação ao meio ambiente e a preocupação com o desenvolvimento social do turismo. Conforme demonstra a citação abaixo que utiliza palavras chaves, como desenvolvimento harmônico e sustentável.

O resultado desse processo gerencial é o Plano de Desenvolvimento do Turismo do Paraná 2008-2011, que tem como pretensão garantir o desenvolvimento harmônico e sustentável da atividade turística, em sintonia com as políticas de preservação do meio-ambiente natural e cultural, a qualidade na prestação de serviços, a consciência da importância da qualificação da mão-de-obra em todos os níveis e as interfaces administrativas com os órgãos públicos e privados que atuam no setor, definindo objetivos, indicadores e metas que permitam seu monitoramento e avaliação (PDT-PR, 2008, p. 03).

A intenção para a gestão do turismo no Paraná é apresentada em vista da sustentabilidade do desenvolvimento turístico como um todo. Fato que pode ser observado na proposta de princípios orientadores, conforme citação abaixo, para a gestão desse plano de desenvolvimento turístico.

Prevendo a demanda de relacionamento com o ambiente externo, com as organizações públicas e privadas, o presente documento é um desdobramento da Política de Turismo do Paraná, que apresenta como princípios orientadores: sustentabilidade – buscando a equidade social, eficiência econômica, diversidade cultural, proteção e conservação do meio ambiente, que permita uma maior qualidade de vida aos atores envolvidos na atividade - direta e indiretamente (PDT-PR, 2008, p. 04).

A ideia da relação turismo e fatores socioambientais permanecem constantes até mesmo nas palavras do governador, quando ele afirma que: “entenda-se aqui o Turismo como um setor econômico, forte gerador de divisas, que se mostra tanto como um produto de exportação quanto um instrumento social e ambiental” (PDT-PR, p. mensagem do governador do estado do Paraná).

Em consenso com essas palavras do governador, com os princípios orientadores e outras propostas desse plano, a mensagem do Conselho Consultivo de Turismo do PR apresenta-se de forma mais teórico-científica quando faz lembrar os conceitos teóricos discutidos no capítulo educação socioambiental e sustentabilidade do turismo. Questões comprovadas na citação abaixo, quando é elucidado o fato do planejamento participativo e do desenvolvimento sustentável.

Mensagem do Conselho Consultivo de Turismo do PR: Se o planejamento estratégico deve permitir estabelecer um rumo, visando uma perspectiva de longo prazo, fundamental para um desenvolvimento sustentável, considerando de forma equânime a sustentabilidade ambiental, sociocultural e econômica, o

planejamento participativo é o instrumento mais adequado para a obtenção de comprometimento e corresponsabilidade, além de permitir uma visão mais próxima dos anseios da sociedade. Ao conjugar estas duas metodologias, este Plano buscou efetivamente ser um documento que sirva de instrumento para a viabilização de um desenvolvimento harmônico do Turismo em nosso Estado (PDT-PR, 2008, p. 06).

Apesar de todo esse discurso de boas intenções e propostas para a gestão do turismo de forma sustentável no Paraná, na parte das metas – sendo estas em âmbito muito mais quantitativo – nenhuma ação com relação à educação ambiental foi proposta. E, na parte dos macro-programas e programas, da mesma maneira nenhum deles se remetem à questão da educação ambiental. Foi observado que apenas na parte do macro-programa de qualificação dos produtos turísticos que aparece o programa de educação para o turismo, o que não quer dizer simplesmente educação ambiental. Uma vez que esse programa tem por finalidade:

Visa o desenvolvimento de ações voltadas à sensibilização e conscientização para o desenvolvimento do turismo sustentável, tendo como público-alvo os estudantes da rede de ensino estadual, a população envolvida na cadeia produtiva do turismo, o poder público e o visitante em geral, resultando em geração de benefícios para a população residente e numa maior hospitalidade para o turista (PDT-PR, 2008, p. 33).

Essa finalidade numa leitura rápida e leiga poderia significar uma singela proposta de educação ambiental, porém, esse fato só poderá ser constatado com as entrevistas com os responsáveis pela aplicação desse programa que tem como principais ações:

Realizar parcerias com a rede estadual de ensino, iniciativa privada e prefeituras municipais para estabelecer programas de sensibilização e conscientização turística para a comunidade; Integrar-se aos programas do Ministério do Turismo e de outras organizações que tenham interesse no desenvolvimento de ações de educação; Realizar campanhas que visem uma melhor acolhida aos turistas nos destinos turísticos; Fomentar atividades de conscientização dos visitantes seja eles excursionistas ou turistas (PDT-PR, 2008, p. 33).

É importante ressaltar que a análise de pesquisa sobre o tema educação ambiental para o turismo, nesse trabalho, será realizada com foco na cidade de

Curitiba, desta maneira, as propostas, metas, macro-programas e programas desse plano de desenvolvimento turístico é para o contexto de todo o estado do Paraná.

Da mesma forma com relação ao Plano Nacional de Turismo, também se pode correlacionar esse Plano de Desenvolvimento do Turismo do Estado como indicativas do credo da ecoeficiência e do naturalismo ativo. Ambos apresentam discursos favoráveis à conservação, à preservação, ao cuidado e respeito ao meio ambiente, mas não designam programas e metas específicos com o intuito claro e objetivo de desenvolver a atividade turística com premissas da sustentabilidade e aplicação da educação socioambiental.

2.8 CONTRATO DE GESTÃO 2010 DO INSTITUTO MUNICIPAL DE CURITIBA

Na leitura desse documento, percebe-se como missão institucional do órgão: “promover o turismo sustentável no Município, contribuindo para o desenvolvimento socioeconômico da população local” (CONTRATO DE GESTÃO, 2010, p. 01).

Ao contrário dessa frase e o sentido que ela direciona, observa-se que os programas, os projetos e as metas estabelecidas nesse contrato de gestão não enfatizam o tema sustentabilidade. Uma vez que turismo sustentável envolve vertentes com o âmbito cultural, econômico, social, político e ambiental. Dos quais, principalmente o ambiental não é levado em consideração, por não estabelecer nenhuma meta, nenhum projeto e nenhuma responsabilidade a ser administrada e alcançada pela equipe técnica do Instituto Municipal de Turismo, que até o momento de desenvolvimento dessa monografia não possui um Plano de Desenvolvimento Turístico para a Cidade de Curitiba.

A dúvida que se apresenta, em consequência dos fatos, é: se o MTur e a SETU-PR tem o intuito da gestão descentralizada e participativa com foco no desenvolvimento sustentável; qual é a participação da Secretaria Municipal de Meio Ambiente estabelecida nesse contrato de gestão como relação de apoio de alguma meta de educação socioambiental ou de conservação ambiental?

É fato que não haja, uma vez que, atualmente, o interesse na continuidade e ampliação do conceito de conservação ambiental não é encontrado nesse contrato de gestão do Instituto Municipal de Turismo de Curitiba, como um foco a ser

trabalhado e desenvolvido. Não é encontrado nem mesmo nas Oficinas de Sensibilização Turística, que tem o enfoque apenas de informar e sensibilizar os atores da área ao bem receber, ao conceito de turismo e sobre os atrativos turísticos que a cidade tem, conforme Santos (2009).

Ressalta-se que no Plano de Desenvolvimento de Turismo do Paraná, na parte do programa de educação para o turismo, uma das propostas é “o desenvolvimento de ações voltadas á sensibilização e conscientização para o desenvolvimento do turismo sustentável” (PDT-PR, 2008, p. 33). Questão que pela análise do Contrato de Gestão para o turismo em Curitiba não demonstra o desenvolvimento do turismo sustentável através das ações do programa de sensibilização do turismo aplicado pelo IMtur.

Nesse contrato encontram-se programas que descrevem projetos a serem desenvolvidos com metas quantitativas a serem cumpridas, como: promoção do artesanato, promoção do turismo, aperfeiçoamentos na gestão de recursos públicos municipais, desenvolvimento da gestão pública, gente plano 10, plano de desenvolvimento de competências, sistema integrado de programação e acompanhamento dos investimentos / obras da Prefeitura Municipal de Curitiba.

Todos esses fatos constatados nesses documentos deverão ser comprovados ou questionados durante as entrevistas, para que o olhar crítico sobre esses documentos seja uma mera discussão teórica. E, que a prática possa nos demonstrar ações programada, com vertentes dos princípios da tal palavra sustentabilidade, tão utilizada em todos esses planos e contrato.

3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Informa-se que todos os profissionais entrevistados foram apontados pela própria Instituição como a pessoa certa a responder pela temática em questão. Assim, todas as entrevistas foram agendadas e gravadas conforme a permissão dos entrevistados. Nos subcapítulos seguintes observe que as entrevistas por terem sido gravadas, foram transcritas excluindo-se das falas; as gírias e costumes coloquiais, não prejudicando a interpretação sobre os fatos relatados.

3.1 ENTREVISTA COM A SECRETARIA DE ESTADO DE TURISMO DO PARANÁ

Ao entrevistar esse órgão público em questão, foi primeiramente perguntado o que se entende por educação socioambiental. Assim, afirmou que seria toda forma de educação que tem por objetivo conscientizar e educar as pessoas a respeito da utilização dos recursos naturais e das formas de desenvolvimento no território.

Em seguida foi perguntado como que o entrevistado veria a aplicação dessa educação socioambiental na atividade turística. Declarou que de várias maneiras podem ser aplicadas como a formatação dos produtos turísticos, na venda diferenciada desses produtos, na conquista pela demanda que tem essa consciência socioambiental, ou seja, a educação socioambiental para o entrevistado pode ser aplicada na gestão do turismo, com os prestadores de serviço e nas estratégias de marketing turístico.

Depois do entrevistado demonstrar seus conhecimentos sobre educação socioambiental e aplicação desta na atividade turística, foi questionado se a SETU-PR apoia ou realiza alguma atividade ou programa em educação socioambiental para o turismo no Paraná. O entrevistado disse que atualmente não há nenhuma ação específica como um projeto ou programa, mas que a equipe técnica descreve no próprio plano de desenvolvimento do turismo no Paraná os princípios para se respeitar o meio ambiente.

Desta maneira, ao tentar identificar alguma ação mais específica ou algum tipo de parceria para esse contexto, perguntou-se se alguma outra instituição é parceira deles no âmbito de desenvolver ações que envolvam o respeito aos aspectos ambientais, conforme descrito no plano de desenvolvimento para o turismo. E, declarou que nos últimos quatro anos em que trabalha na SETU-PR, eles não tiveram uma grande afinidade com os órgãos ambientais, pois acredita que o turismo, às vezes, é visto como uma atividade depredadora, além de ser ainda muito incipiente. Apesar disso, a SETU-PR participa do Conselho Estadual do Meio Ambiente e vice versa.

Além disso, uma parceria que eles tiveram foi com a Mineropar que desenvolveu projetos de geoturismo em algumas unidades de conservação, principalmente em Tibagi-PR. Esse projeto começou a ser implantado nas escolas

públicas de Tibagi, mas depois foi estendido aos visitantes desses atrativos turísticos, para que os visitantes e a população local pudesse ser informada sobre as características geológicas e geomorfológicas desses lugares específicos, como o Cânion Guartelá. Para que esse conhecimento fosse difundido, foram colocados totens nos postos de recepção ao visitante desses atrativos turísticos, bem como a distribuição de folders tanto para os visitantes quanto para os escolares.

Essa parceria foi vista como positiva, porém como uma ação pontual, por isso, foi necessário tentar entender um pouco mais sobre o proposto no plano de desenvolvimento para o turismo, com relação ao meio ambiente. Uma vez que, no próprio plano existe a premissa da sustentabilidade e tem metas e programas, principalmente, ligados ao desenvolvimento da educação, da sensibilização e conscientização. Assim, perguntou-se como se dá esse desenvolvimento e qual é foco dessa educação proposta. E, o entrevistado respondeu que no âmbito da secretaria, não foi desenvolvido nada com relação à educação, mas há projetos futuros para que essas ações sejam desenvolvidas, no próximo plano.

Com essa afirmação pôde-se perceber que nem tudo que está descrito no plano significa que será aplicado e desenvolvido. Como o descrito sobre a premissa da sustentabilidade e sobre educação, conscientização e sensibilização, que para nenhuma dessas áreas foram desenvolvidas ações específicas durante a gestão desse plano.

Compreendido sobre as questões do plano na prática, fez-se necessário identificar, se pelo menos nos conselhos estaduais do meio ambiente e do turismo, onde ambos representantes participam, é discutido e posto em pauta a questão da educação ambiental. E, o entrevistado afirmou que desconhece esse tipo de pauta nos dois conselhos.

Percebido, então, que nem na aplicação do proposto ambientalmente no plano, nem nas reuniões dos dois conselhos existe a premissa de se desenvolver na prática a educação socioambiental para o turismo. Assim, perguntou-se se futuramente existe o intuito de desenvolver a educação socioambiental e a melhor aproximação entre a SEMA, o IAP e a SETU-PR, em caso da lei de educação ambiental entrar em vigor. E, o entrevistado afirmou que sim, que com certeza, se a lei de educação ambiental entrar em vigor, ajudará essa aproximação e o maior enfoque nas ações que englobam as questões ambientais.

Ao final dessa entrevista, pôde-se compreender que o fato da educação socioambiental no turismo não ocorrer é devido a não comunicação e não parceria formal entre os órgãos ambientais e o de turismo, a falta da lei de educação ambiental e o estereótipo da atividade turística enquanto depredadora e degradadora do meio ambiente. E, o fato das propostas ambientais e educacionais descritas no plano de desenvolvimento para o turismo não ocorrerem na prática, é devido à falta de tempo, de técnicos especializados no tema e das inúmeras atribuições que a SETU-PR possui.

Identificou-se, assim, comparando-se ao marco teórico, a educação ambiental como um fator secundário na gestão das políticas públicas, conforme estudos de Irving (2002). Quanto às correntes socioambientais, acredita-se que as declarações dessa entrevista permeiam-se na corrente do credo da ecoeficiência (ALIER, 2007) e no naturalista (MOSCOVICI, 2007), pois o entrevistado deixou claro que acredita no desenvolvimento sustentável e na boa utilização dos recursos, porém, não significa que a ação seja praticada, mas que existe a crença.

3.2 ENTREVISTA COM O INSTITUTO MUNICIPAL DE TURISMO

O entrevistado ao ser questionado sobre o próprio entendimento de educação socioambiental declarou ser toda manifestação em relação à conservação, preservação e o cuidado em geral com o ambiente natural e urbano. E, que a aplicação da educação socioambiental é mais eficiente com as crianças.

Perguntou-se, em seguida, como que veria a aplicação dessa educação socioambiental na atividade turística em Curitiba. Afirmou, então, acreditar que essa educação se dá por meio da demonstração da cidade como um lugar, onde as pessoas têm consciência no fato de saber cuidar e preservar o meio ambiente. Pois, acredita ainda que o visitante acaba passando a ter também a preocupação de cuidar bem da cidade, por ser transmitida a ele, essa imagem de cidade limpa que a Curitiba apresenta.

Com essa resposta apresentada, então, surgiu o interesse em saber como se dá essa ação de demonstrar a cidade limpa e com pessoas conscientes ambientalmente. Assim, perguntou-se se o Instituto Municipal de Turismo apoia ou realiza alguma atividade ou programa de educação socioambiental para o turismo.

E, o entrevistado afirmou que em específico não existe nenhum projeto ou programa, porém, há um trabalho de demonstrar para a população local, nas oficinas e campanhas, esse lado da cidade como ecologicamente correta; que é o ponto forte de Curitiba. Para que as pessoas tenham cada vez mais isso em mente e continuem a agir corretamente.

Durante a resposta desta última pergunta, percebeu-se que esse trabalho de educação ambiental para a população local, é desenvolvido pela prefeitura, pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente. Logo, o que o Instituto Municipal de Turismo faz é levar essa ideia de ecologicamente correto para os profissionais que trabalham diretamente e indiretamente com o turista na cidade. Para que assim, a ideia de cidade limpa se perpetue e seja demonstrada ao turista. Na expectativa de que esse turista passe a agir também corretamente.

Para ter certeza do entendimento a cerca dessa resposta, perguntou-se ao entrevistado:

– Então, não existe um programa ou um projeto focado só nisso, existe um interesse permeado em várias outras atividades que a prefeitura realiza, certo?

E, ela respondeu:

– Sim.

Desta maneira, criou-se a curiosidade em saber se existe alguma outra instituição que tem interesse de ajudar ou apoiar essas ações no turismo. E, afirmou que possa até existir, mas que desconhece. O que acontece, segundo o entrevistado, é a presença da Secretaria Municipal de Meio Ambiente para supervisionar as ações já programadas pelo Instituto Municipal de Turismo, como a ação semanal na Praça da Espanha, com relação ao artesanato.

Um fato relevante que o entrevistado comentou a respeito da interface do turismo com as outras instituições, foi:

– Tem interface sim, mas não que o turismo encabece essas coisas. O turismo acaba trabalhando em conjunto e complementando o trabalho deles.

Logo, percebe-se que para o município, o turismo é um elemento secundário no desenvolvimento de ações em conjunto, ou seja, não é ele o principal elemento e nem quem dará a iniciativa para o desenvolvimento de projetos multidisciplinares.

Agora pensando no contrato de gestão de 2010, o que chamou atenção é que está descrito como missão institucional do órgão: “Promover o turismo sustentável no Município, contribuindo para o desenvolvimento socioeconômico da população

local” (CONTRATO DE GESTÃO, 2010, p. 01). Em alguns dos projetos descritos nesse documento, particularmente, não foi encontrado um que fosse direcionado a questão do meio ambiente. Assim, perguntou-se sobre a existência do tema socioambiental em algum projeto ou trabalho dentro da oficina de sensibilização ou na parte de promoção do turismo. O entrevistado respondeu que a ação que foi elaborada especificamente para a área ambiental foi o guia fauna e flora de Curitiba, em parceria com a Universidade Livre do Meio Ambiente para o programa Curta Curitiba.

Assim sendo, nota-se mais uma ação pontual para a questão socioambiental na atividade turística. O que reforça a declaração de que não há programas de educação socioambiental e sim ações pontuais.

Ao final dessa entrevista foi questionado se havia mais alguma declaração a ser dada pelo entrevistado. E, este relatou sobre o índice de competitividade dos 65 destinos que a FGV, anualmente, aplica pesquisas com relação às 13 dimensões já elencadas, com várias secretarias municipais, para identificar e diagnosticar o desenvolvimento dessas cidades como destinos indutores do turismo no Brasil. E, uma questão plausível foi à seguinte afirmação:

– É nessa pesquisa que as secretarias abrem a cabeça sobre o turismo. As outras secretarias têm como foco a população e essa pesquisa ajuda o amadurecimento sobre a importância de se interligar ao turismo para ajudar também.

Essa declaração revela um desejo que as outras secretarias possam enxergar o turismo como uma atividade principal e de grande relevância para a cidade, não como um elemento a mais no seu desenvolvimento socioeconômico, cultural, político e ambiental. Talvez demonstre também um desejo de encabeçar projetos e ações, para que essa metodologia de demonstrar a cidade limpa como forma de sensibilização e educação socioambiental do turista, possa ganhar mais eficiência na forma como é conduzida.

Na continuação da fala desse entrevistado, soube-se que Curitiba, nessa pesquisa anual do índice de competitividade dos 65 destinos indutores, já ganhou o prêmio nas dimensões ambiental e social.

Denota-se, assim, que o IMtur tem a percepção de que a atividade turística ainda não é vista como uma atividade importante pelas outras instituições, da mesma maneira como foi criticado pela SETU-PR. Então, a educação ambiental é

vista como secundária na gestão das políticas públicas (IRVING, 2002) e a atividade turística também é vista como um fator secundário, segundo as falas das duas entrevistadas dos órgãos públicos de turismo do Município e do Estado.

A partir dessa observação e análise, esperar para que haja programas de educação socioambiental para o turismo em Curitiba, é um fator que dependerá antes da ação de relações públicas entre a secretaria de turismo com as outras secretarias. Para que todas essas instituições do poder público possam ver o turismo com sua real importância para o desenvolvimento da cidade, fazendo com que o diálogo entre os setores ocorra, refletindo no trabalho de projetos interdisciplinares para o amadurecimento do turismo na cidade.

Nessa entrevista, também se identificou a presença da corrente do credo da ecoeficiência (ALIER, 2007) e do naturalista (MOSCOVICI, 2007), pois o entrevistado em questão declarou que a educação socioambiental no turismo em Curitiba, ocorrerá por causa da imagem da cidade que é refletida pelas boas ações da relação população local e meio ambiente. Fato que leva a esperança de que as boas condutas do turista com o meio ambiente sejam internalizadas pelo bom exemplo dado pela população local.

3.3 ENTREVISTA COM A SECRETARIA ESTADUAL DE MEIO AMBIENTE E RECURSOS HÍDRICOS DO PARANÁ

O entrevistado desse órgão público, também começou sendo questionado sobre o que entende por educação socioambiental. E, este afirmou que esse é um termo novo e que ninguém educa, pois só se educa de forma sistemática e normal. Além disso, para ele o termo educação socioambiental é um pouco mais pesado, porém era a transformação que queriam entre o social e o ambiental. Para o entrevistado, o que ocorre atualmente é processo de transformação, pois os processos novos quebram os paradigmas, e esse termo trás uma reflexão do que realmente é a educação ambiental nesse processo social. Todavia, atualmente o que se tem é uma sensibilização e não uma educação ambiental.

Na sequência, perguntou-se ao entrevistado se saberia explicar, como que ele vê a aplicação da educação ambiental ou socioambiental na atividade turística. Ele disse que é extremamente importante desenvolver o processo turismo e

educação ambiental, no entanto, ele enumerou alguns exemplos como o mergulho consciente em corais, visitas no pantanal. Mas, a conclusão da resposta dele foi:

– Educação ambiental está ainda muito tímida na área de turismo. Nós não conseguimos ainda pensar em como atingir o turista, como sensibilizá-lo. Tem uma ação muito forte no meio urbano e tudo da comunicação. Mas na parte turística acho que ainda estamos muito aquém de planejar realmente.

Mesmo com essa afirmação, fez-se necessário perguntar se em nível estadual, a SEMA apoia ou realiza algum programa de educação socioambiental para o turismo ou existe algum projeto ou alguma ideia ou reuniões pra que isso um dia ocorra. O entrevistado afirmou que indiretamente eles realizam, na operação de final de ano da Ilha do Mel e em unidades de conservação, principalmente do litoral. Afirmou ainda que o trabalho deles é muito mais direcionado a população e os turistas acabam sendo atingidos de maneira indireta. E, que recentemente entraram num acordo que irão focar a Ilha do Mel na questão da recepção do turista, para que este tenha um comportamento diferente do atual com relação aos resíduos que eles deixam para trás, principalmente na festa de final de ano.

Após esse relato que estão começando um acordo para direcionar uma campanha de educação ou sensibilização ambiental para os turistas da Ilha do Mel, perguntou-se, então, se existe a inter setorização da SEMA com a SETU-PR sobre esse assunto. O entrevistado disse que a relação entre essas duas secretarias se demonstrou mais importante e houve uma maior aproximação quando a SEMA trouxe, no final de 2010, para dentro do Conselho Estadual do Meio Ambiente a SETU-PR que se demonstra muito presente nas discussões e no trabalho da Ilha do Mel e das unidades de conservação quanto ao uso público.

Fato que não foi respondido da mesma maneira pelo entrevistado da SETU-PR que afirmou não haver discussões sobre educação ambiental para o turismo nesses conselhos. Ressalta-se que esse entrevistado não é a pessoa responsável por representar a SETU-PR no Conselho Estadual de Meio Ambiente.

Além disso, durante a entrevista foi afirmado pelo entrevistado da SEMA que essas discussões em que o turismo está tão presente nas reuniões do Conselho referem-se à Ilha do Mel e as unidades de conservação, principalmente do litoral.

Desta maneira, podem-se enquadrar as falas desse entrevistado também na corrente socioambiental da ecoeficiência (ALIER, 2007) e naturalista (MOSCOVICI, 2007), pois apesar do entrevistado acreditar que atualmente o que ocorre são ações

de sensibilização e não de educação ambiental, pelo menos demonstra que existem ações voltadas para a melhoria da relação homem e natureza, mesmo que a ação seja mais focada para o litoral. Percebe-se, assim, um começo para se alcançar os ideais da educação socioambiental.

Percebe-se também, que a SEMA está caminhando para buscar um melhor desenvolvimento. Não só um desenvolvimento nas suas próprias atribuições com o meio ambiente, mas também com a sua boa relação e inter setorização com o turismo, uma vez que recentemente incluiu a SETU-PR no seu Conselho Estadual do Meio Ambiente e passarão a dar mais atenção ao turista que visita à Ilha do Mel, devido ao seu impacto negativo com relação aos resíduos deixados. Isso demonstra um começo positivo que identifica o turismo como uma atividade que pode gerar impactos positivos, como também negativos, principalmente ao que se trata do meio ambiente.

3.4 ENTREVISTA COM A SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE

Todas as entrevistas começaram da mesma maneira, logo, esse entrevistado foi também questionado sobre seu entendimento a respeito da educação socioambiental. E, declarou que:

- Na verdade esse termo foi cunhado antes da lei de educação ambiental, que se refere somente à educação ambiental. Pra mim é um termo que contraria a primeira definição de educação ambiental, já desde as conferências internacionais, como Tbilisi. Conferências internacionais que nortearam todos os processos e os aspectos legais que se seguiram. O conceito de ambiental preconizava ser a síntese, o ambiental não como espaço físico, mas numa visão mais sistêmica como a síntese das múltiplas relações que acontecem no espaço físico, incluídas as questões culturais, sociais, filosóficas, etc.

A pesquisadora ficou surpreendida pelo conhecimento técnico-científico desse entrevistado, que continuou dando sua resposta, afirmando que o entendimento do termo educação ambiental seria advindo do conceito que a pessoa tem sobre meio ambiente. Tal conceito que não foi internalizado como a síntese das múltiplas relações, nas quais, o meio ambiente não é simplesmente o espaço físico onde o

social não estava contemplado, pelo contrário, o termo simplesmente educação ambiental propõe a interação de todos num só meio, na busca do equilíbrio da relação do bom convívio.

Na continuação, o entrevistado vai mais além, e declara que o termo educação ambiental, não precisaria do adjetivo ambiental, pois a questão do meio ambiente deveria estar intrínseca no contexto da educação escolar e básica. Sem a necessidade de posteriormente adjetivar à palavra educação, outros temas, como ocorreu com o ambiental, trânsito, sexual, cidadania, etc.

Para concluir o seu entendimento de educação socioambiental afirmou que:

- A educação ambiental seria outra concepção de mundo e de educação necessária pra esse mundo. Seria uma superação dessa visão fragmentada e dicotômica das coisas: sociedade e natureza, etc. Acho que essa seria a grande descoberta acho, da educação ambiental. Então seria perceber a educação num outro patamar, não como alguma atividade que se agregasse, mas perceber os conteúdos das várias áreas numa ótica que contemplasse essa visão mais ampliada das coisas. E não é isso que está se vendo hoje. Daí, o conceito de educação socioambiental.

Assim sendo, o entrevistado acredita que o termo educação socioambiental revela que até mesmo os estudiosos e pesquisadores ainda apresentam uma visão cartesiana sobre o conceito da interação com o meio ambiente. Por isso, para alguns ainda há a necessidade de agregar e enfatizar sobre a questão social no termo educação ambiental. Para que as pessoas lembrem que a crise ambiental ocorre porque a ação humana se faz degradadora em algumas circunstâncias.

Depois de todas essas revelações teóricas sobre o porquê ainda existir termos diferentes da educação ambiental, para explicar e tentar demonstrar às pessoas sobre a teia da interdisciplinaridade, que se perguntou, como que o entrevistado veria a aplicação da educação ambiental na atividade turística. Então, respondeu ao meio de inúmeras explicações, entre as quais se conclui:

- Ao que se refere ao turismo, acho uma coisa bacana quando as pessoas chegam à cidade, elas perceberem essas relações que acontecem entre os moradores da cidade e os espaços que foram sendo criados com múltiplas funções ou os espaços que foram sendo transformados como os shoppings do Muller e o Curitiba, que você tem antigos prédios que foram resguardados na sua história e que atribuiu outra função de uso. (...) Então, mostrar essa reciclagem que no

ambiente urbano acontece de ter lugares e espaços que vão atendendo as necessidades do momento. Então acho que nós temos muito nesse sentido pra estar trocando com as pessoas que visitam a cidade. Acho que o turismo pode explorar muito mais nesses aspectos do que ele já explora hoje.

Desta maneira, percebe-se que a mesma concepção que os entrevistados da SETU-PR e do IMtur apresentaram, o entrevistado da SMMA também apresentou. É a concepção da valorização da imagem da relação da população local com ambiente urbano e natural, que deve ser internalizado pelo turista ao se deparar com essa imagem positiva. Fato que pode levar a esse turista à mudança de hábitos e levar essa ideia da imagem da cidade para ser aplicada na cidade de origem.

Ao dar continuidade a entrevista, perguntou-se se a SMMA apoia ou desenvolve algum tipo de programa de educação ambiental direcionado ao turismo em Curitiba. O entrevistado disse que são trocadas algumas ideias com o IMtur, mas que não há nenhum programa com esse enfoque exclusivamente. O que existem são ações pontuais, como ocorreu no evento Conferências das Partes sobre Mudanças Climáticas (COP MOP), em que a SMMA e o IMtur fizeram uma parceria para bem receber o evento. Onde as duas instituições capacitaram os profissionais ligados direta e indiretamente ao turismo, na qual o IMtur capacitou essas pessoas com relação a ação do bem receber e a SMMA ficou a cargo de informar não só esses profissionais como a população interessada sobre o que era esse evento e qual a importância do mesmo. De forma contrária não há nenhum outro tipo de parceria com o IMtur e não há nada planejado para que ocorra uma intersectorização programada.

Ao finalizar a entrevista foi perguntado se teria algo a mais a declarar e o entrevistado deu inúmeras contribuições, das quais a que pareceu mais relevante com relação ao objetivo desse trabalho foi:

- Em relação a meio ambiente e turismo, acho que o fundamental, assim, é que a gente seja turista no lugar onde a gente vive. Pra mim essa é a melhor conclusão, assim, que a gente esteja sempre estranhando o lugar onde você vive. Porque é isso que faz com que você exercite a criatividade, a percepção, que se encante com as coisas. Acho que educação ambiental tem que ter muito esse ingrediente do encantamento com as coisas. Muita gente perdeu muito isso, a gente passou a banalizar muito as coisas. E a gente deposita uma fé muito grande na tecnologia. Não que ela não seja importante, a gente não vai poder prescindir da

tecnologia, mas ela não é tudo, ela não é *per si*. A tecnologia não age sozinha. Ela não tem sujeito. Nós é que fazemos o uso e esse uso pode ser bom ou não. Então, acho que é a solução assim do momento.

Diferente e similar ao mesmo tempo das outras entrevistas, o discurso aqui analisado evidencia também a presença da corrente socioambiental da ecoeficiência (ALIER, 2007) e naturalista (MOSCOVICI, 2007), mas com uma ressalva, que o entrevistado revelou conhecimento sobre a temática, pois, durante suas respostas demonstrou a passagem de todas as correntes socioambientais discutidas no marco teórico, porém, seus argumentos conclusivos encaixam-se melhor nas correntes socioambientais já descritas nas outras entrevistas. Uma vez que ela também acredita que a educação ambiental para o turismo deve ocorrer a partir do encantamento do turista com a cidade visitada, internalizando e dando valores as ações do destino turístico com o meio ambiente.

4 VERIFICAÇÃO DAS HIPÓTESES

Referente à primeira hipótese: os órgãos públicos responsáveis pela elaboração dos programas de educação socioambiental para o turismo em Curitiba são: SMMA e IMtur. A hipótese não foi confirmada, uma vez que todos os entrevistados afirmaram que não existem programas de educação socioambiental específicos para o turismo. E, a inter setorização entre essas duas secretarias municipais ocorre de maneira pontual devido a eventos e não programada ao longo dos anos.

Em relação à hipótese sobre os programas de educação socioambiental para o turismo em Curitiba serem direcionados aos turistas, escolares e pessoas ligadas diretamente à atividade turística. Esta hipótese não foi confirmada porque além de não existir esses programas, as atividades direcionadas aos escolares e pessoas ligadas diretamente à atividade turística ocorre através das oficinas de sensibilização do turismo realizado pelo IMtur para esse público, com o intuito de trabalhar a questão do bem receber o turista, direcionado para parte do atendimento.

A respeito da terceira hipótese dos programas de educação socioambiental que se direcionam apenas a produção de cartilhas educacionais. Esta também não

foi confirmada porque as atividades que o IMtur realizada com foco a boa relação com meio ambiente é de maneira pontual, como o Guia Fauna e Flora.

Perceba que nenhuma das hipóteses foi confirmada porque se esperava que existissem programas de educação socioambiental para o turismo em Curitiba por ser uma cidade que em suas campanhas institucionais se publica como cidade modelo e ecologicamente correta. Porém, notou-se que essa publicidade refere-se as suas ações direcionadas estritamente a população local, não focando o turismo como uma atividade que possui um fluxo de trânsito de pessoas que pode gerar consequências para o meio ambiente. Consequências que podem ser geradas a partir de atitudes ainda não internalizadas com relação à boa prática de convivência com o entorno, sejam eles turistas ou os empreendimentos que estão inseridos na cidade como receptores dessa demanda.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O marco teórico suscita uma expectativa com relação à realidade vivida e a prática, pois ao estudar sobre as correntes socioambientais descritas por Moscovici (2007) denota-se que houve mudanças nas formas de pensamento que foram refletidas na prática. Claro, que tem que ser levado em consideração o fato de Moscovici (2007) relatar sobre fatos vivenciados na Europa, ao contrário de Alier (2007) que apresenta argumentos muito mais tendenciosos para a prática vivida na América.

Mesmo com esse contra ponto, percebe-se que a preocupação com o meio ambiente sempre houve de certa maneira. E, com a velocidade das informações através do avanço tecnológico das comunicações, que os acontecimentos e tragédias naturais passaram a ficar mais no campo do tele expectador. Sendo assim, a crise socioambiental do uso desenfreado e sem medidas do meio ambiente com recurso para a lucratividade, passou a ser controlado e supervisionado por leis e decretos que foram sendo pautados a cada momento em que o terceiro setor e ativistas se faziam presentes na política. Por isso, abordou-se também sobre a ecologia como um fator político, uma vez que a administração e gestão dos recursos hídricos, das terras, entre outros recursos naturais ficam a cargo da vistoria do poder público que tem o dever de fiscalizar e normatizar essas ações.

Diante desse quadro teórico, criou-se uma expectativa que a cidade de Curitiba teria uma relação de preocupação da ação turística no ambiente urbano e natural. Essa expectativa foi alimentada durante a construção dessa monografia por encontrar no PNT 2007-2010 termos e conceitos como: inter setorização, desenvolvimento sustentável, educação, parcerias intergovernamentais, premissa da sustentabilidade, desenvolvimento de 65 destinos indutores que refletem o modelo dos parâmetros internacionais.

Essa expectativa crescia a cada momento, principalmente ao continuar a estudar o PDT-PR 2008-2011 da SETU – PR, que em consenso com as palavras do governador do estado do Paraná – na época da criação desse plano –, com os princípios orientadores, entre outras propostas desse plano e a mensagem do Conselho Consultivo de Turismo do PR, que se apresentaram de forma muito teórico-científico quando esses argumentos aproximaram-se dos conceitos teóricos discutidos no capítulo 5 de educação ambiental e sustentabilidade do turismo.

Ao continuar com esse estudo, a expectativa é um pouco quebrada quando se descobre que Curitiba não tem um plano municipal para o turismo, mas tem um contrato de gestão para o ano de 2010, que apesar da missão institucional desse órgão ser descrito como uma promoção do turismo sustentável para a contribuição do desenvolvimento socioeconômico, não apresenta dentre todos os projetos delineados, não há projeto específico nem indiretamente ligado à questão de conservação do meio ambiente.

Para confrontar todo esse estudo documental e bibliográfico que se criou uma curiosidade em saber se todo esse discurso de prática sustentável escrito nesses planos e contrato se faz valer na prática, com pelo menos o desenvolvimento dos programas de educação socioambiental para o turismo.

Sabe-se que não há receita de bolo para desenvolver esse tipo de programa, mas pode-se esperar que haja programas dessa natureza que trabalhem com o *trade* turístico na questão do uso responsável da água, da energia, do lixo, do esgoto, de produtos orgânicos em todos os empreendimentos turísticos, que possam receber um apoio ou um incentivo para a prática da boa gestão responsável com o meio ambiente. Pode-se esperar também que em programas como estes haja um trabalho de sensibilização do turista quanto as suas atitudes e ações com relação aos lugares visitados e serviços prestados.

Ao contrário disso, verificou-se nas entrevistas como na SETU-PR o desânimo pela atividade turística ainda ser muito incipiente no Estado e não ser reconhecida como um fator principal de desenvolvimento em todos os âmbitos, e, sim, vista como consequência do cotidiano. Pode-se perceber isso, quando na fala da entrevistada desse órgão revela que na Convenção sobre a política de educação ambiental no Paraná, a Secretaria foi convidada de maneira informal e ao participar da convenção percebeu o pequenino espaço que tinha o turismo nessa nova proposta de política. Mesmo assim, esse entrevistado espera que possam ter um dia uma cláusula específica para o desenvolvimento do turismo e não a sua junção com outras atividades vistas como mais importante. Esse entrevistado acredita também que se essa lei for homologada será mais fácil o argumento e a justificativa para serem aprovados projetos com cunho ambiental para a área do turismo, mas não apenas em unidades de conservação, e, sim, em áreas urbanas que também carecem de atenção.

Na fala do entrevistado do poder público municipal de turismo percebeu-se uma expectativa que os trabalhos socioambientais desenvolvidos pela Prefeitura para a população local, possam replicar-se no turista, que ao visitar a cidade internaliza ações de boa prática ambiental. Pelo simples fato de que as pesquisas de demanda revelam que esse turista, visita Curitiba com o estereótipo de que a cidade é limpa e organizada, e, por isso, espera-se que essa visita possa automaticamente mudar o comportamento desse turista durante sua viagem e no seu retorno pra casa.

O interessante é que o entrevistado do poder público municipal de meio ambiente apesar de todo seu discurso muito bem embasado teoricamente sobre os conceitos da prática da educação ambiental e sobre a relação homem e meio ambiente, também apresenta uma visão similar ao entrevistado da municipal de turismo. Quando na sua fala, revela que o poder público responsável pelo desenvolvimento do turismo na cidade, deveria trabalhar muito mais com a questão de trocar informação com o turista e fazê-lo perceber que Curitiba, de acordo com a necessidade do momento, trabalha muito bem a questão da reciclagem do ambiente para melhor adequá-lo as necessidades da boa relação homem e meio ambiente.

Perceba que segundo esses dois órgãos do Município, o turista vem com a visão de encantamento, e não vê a cidade tão banalizada e criticada como a população local tem demonstrado. Por isso, que o desejo do entrevistado do meio

ambiente é que todas as pessoas tenham o olhar do turista enquanto residente local. E, não é à toa que o entrevistado do turismo do Município afirme que também espera e trabalha para que o residente local seja mais turista na cidade em que vive, e, assim, possa valorizar mais a cidade.

Essa afirmação demonstra um olhar cartesiano sobre a atividade turística, onde só se enxerga o turista e se ignora o fato de existir um *trade* turístico que faz acontecer o turismo, com o suporte da infraestrutura de apoio ao turismo. E, é desse *trade* turístico que faltou ser denominado na aplicação da educação socioambiental na atividade turística.

Tal atividade dispõe do sujeito que é o turista, sendo que esse turista revela inúmeras motivações para a viagem e diversas tipologias de turistas, conforme Krippendorf (2000). Logo, resumir a aplicação da educação socioambiental na atividade turística baseando-se apenas no turista, vendo-o de maneira única, como se fosse um sujeito simples, sem a bagagem da diversidade cultural, dos fatores históricos e sociais que o acompanham, sem pensar nas inúmeras peculiaridades que o fizeram turista naquele destino, é de fato uma visão cartesiana.

Achar que as ações ecologicamente aplicadas à população local são suficientes para alcançar o turista, mesmo que de maneira indireta, demonstra uma ação nada específica e ainda muito incipiente na percepção da importância que se tem a atividade turística.

Assim, de fato, os argumentos dados pela SETU-PR e pela SEMA se fazem mais coerentes, uma vez que a SETU-PR afirmou que o turismo no Estado do Paraná ainda é visto como um fator de consequências das outras atividades e muito incipiente no seu desenvolvimento. Já a SEMA afirmou que não, o Estado não se encontra numa fase de educação ambiental, e, sim, de sensibilização sobre as atitudes do humano com relação ao uso dos recursos naturais.

Desta maneira, identifica-se a relação meio ambiente e turismo no âmbito do poder público de Curitiba como insuficiente. E, por isso, sugere-se que qualquer outro trabalho de estudo ao tentar ser desenvolvido nesse âmbito, que deem propostas para que o diálogo e o trabalho entre essas duas secretarias ocorra de maneira programada e não apenas de maneira pontual. Ou espere alguns anos, pois se acredita que a conversa entre essas duas secretarias esteja apenas começando, mas talvez ainda falte certo empurrãozinho.

Com tudo isso, notou-se que o PNT e o PDT-PR são apenas um norte para que os estados, as regionais e os municípios desenvolvam com base nas melhores das premissas. E, que significa que nem tudo que nesses planos está descritos serão realizados. Como mesmo foi dito pela entrevistada da SETU-PR, que na gestão desse plano que está em fase final, não foi trabalhado nenhum projeto específico da educação. Contrário ao que se propõe no macro programa de qualificação dos produtos turísticos que aparece o programa de educação para o turismo.

Assim, independente do termo a ser utilizado, seja ele educação socioambiental, educação ambiental, sensibilização ambiental, o importante é que ocorra a tal inter setorização das secretarias conforme proposto pelo PNT e que o diálogo e parcerias entre os três setores possa ocorrer na sequência, tudo isso em prol da boa gestão pública dos recursos naturais explorados na atividade turística.

REFERÊNCIAS

ALIER, J. M. **O ecologismo dos pobres**. São Paulo: Contexto, 2007.

BARRETO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2000.

BECK, U.; GIDDENS, A.; LASH, S. **Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

BENI, M. C. **Análise Estrutural do Turismo**. 12. ed. rev. e atualiz. São Paulo, SENAC, 2007.

CARNEIO, S. **Educação socioambiental**. Curitiba, 2010. Notas de aula da disciplina Contextualização da Educação Ambiental e Dimensão Ambiental da Educação no Processo Educativo, Programa de Pós-graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná.

CASTELLA, P.R. **Programas de educação socioambiental para o turismo em Curitiba**. Curitiba, 26 jul. 2011. 3 f. Gravado e digitado. Entrevista concedida a Helissa N. dos Santos.

INSTITUTO MUNICIPAL DE TURISMO. **Contrato de Gestão 2010** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por < avortolin@turismo.curitiba.pr.gov.br > em: 04 abr. 2011.

GIDDENS, A. **As consequências da Modernidade**. 2 ed. São Paulo: UNESP, 1991.

GOELDNER, C. R. RITCHIE, J. R. B.; MCINTOSH, R. W. **Turismo: princípios, práticas e filosofias**. 8. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.

IRVING, M.A.; AZEVEDO, J. **Turismo: o desafio da sustentabilidade**. São Paulo: Futura, 2002.

JONAS, H. **O princípio Responsabilidade**: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Tradução do original alemão Marijane Lisboa, Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto. Ed. PUC-Rio, 2006.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo: Aleph, 2000.

LEFF, E. **Epistemologia Ambiental**. São Paulo, Cortez Editora, 2001.

MATHEUS, C.E. *et. al.* **Educação Ambiental para o turismo sustentável**. Vivências integradas e outras estratégias metodológicas. São Carlos: Rima, 2005.

MOLINA E. **Planejamento integral do turismo: um enfoque para a América Latina**, Bauru, SP: EDUSC, 2001.

MORIN, E.M.; KERN, A.B. **Terra - Pátria**. Traduzido do francês por Paulo Azevedo Neves da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MORIN, E.M.; KERN, A.B. **Terra - Pátria**. 5 ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MOSCOVICI, S. **Natureza: para pensar a ecologia**. Rio de Janeiro: Mauad X: Instituto Gaia, 2007.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Plano Nacional de Turismo**. Disponível em: < http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/plano_nacional/downloads_plano_nacional/PNT_2007_2010.pdf > Acesso em: 08 set. 2010.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Plano Aquarela 2020**. Disponível em: < http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Plano_Aquarela_2020.pdf > Acesso em: 08 set. 2010.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO – OMT. **Compilacion de las estadísticas del gasto turístico**. OMT, 1995.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO – OMT. **Introdução ao turismo**. São Paulo: Roca, 2001.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO – OMT. **Turismo internacional**: uma perspectiva global. Tradução de Roberto Cataldo Costa. 2. Ed. Porto Alegre: Bookmann, 2003. Título original: A global perspective, 2/E.

PEREIRA. A. **13º Encontro dos Interlocutores Estaduais do Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil. Destinos Indutores**. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/noticias/acontece/download_acontece/AirtonPereira_Destinos_Indutores_manhx_0408.pdf. Acesso em: 15 out. 2009.

PLANALTO DO GOVERNO. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999**. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm > Acesso em: 15 ago. 2011.

PREFEITURA DE CURITIBA. **Educação ambiental**. Disponível em: < <http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/smma-educacao-ambiental-secretaria-municipal-do-meio-ambiente/166> > Acesso em: 11 ago. 2011.

RUSCHMANN, D. V. de M. **Turismo e planejamento sustentável**: a proteção do meio ambiente. 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 1997.

SACHS, I. **Desenvolvimento includente, sustentável, sustentado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SANTOS, C.N.DOS. **Programas de educação socioambiental para o turismo em Curitiba**. Curitiba, 29 jul. 2011. 6 f. Gravado e digitado. Entrevista concedida a Helissa N. dos Santos.

SANTOS, H.N. DOS; FORLIN, J.L. **As ações de sensibilização e conscientização turística na comunidade de Curitiba-PR**, In: Seminário Internacional de Turismo, 11, 2009, Curitiba.

SECRETARIA DE ESTADO DO TURISMO – PR. **Plano de Desenvolvimento do Turismo**. Disponível em: < http://www.setu.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/institucional/plano_desenv2008_2011.pdf > Acesso em: 08 set. 2010.

SILVA, E.L.; MENEZES, E.M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4ª ed. rev. Florianópolis: UFSC, 2005.

SOUZA, E. **Educação socioambiental**. Curitiba, 2010. Notas de aula das disciplinas A crise socioambiental atual; Perspectiva interdisciplinar para educação ambiental, Programa de Pós-graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná.

TONIOLO, L.M.DE.G. **Programas de educação socioambiental para o turismo em Curitiba**. Curitiba, 02 ago. 2011. 3 f. Gravado e digitado. Entrevista concedida a Helissa N. dos Santos.

TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo-SP: Difel. 1980.

VARELLA, M.D; PLATIAU, A.F.B. (organizadores). **Princípio da Precaução**. Belo Horizonte: Del Rey, 2004.

VIAJE CURITIBA. **Fluxo turístico em Curitiba**. Disponível em: < <http://www.turismo.curitiba.pr.gov.br/Fluxo%20de%20Turistas%20em%20Curitiba.pdf> > Acesso em: 11 ago. 2011.

VIEIRA, N. R. **Poluição do ar**: indicadores ambientais. Rio de Janeiro, E-papers, 2009. Disponível em: < <http://www.fernandaalves.com.br/agenda-21-para-o-turismo/> > Acesso em 04 maio 2011.

VIEIRA, P.F. Meio ambiente, desenvolvimento e planejamento. In: **Meio ambiente, desenvolvimento e cidadania**: desafios para as ciências sociais. 2ed. São Paulo: Cortez; Florianópolis; Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.

VORTOLIN, A. **Programas de educação socioambiental para o turismo em Curitiba**. Curitiba, 22 jul. 2011. 6 f. Gravado e digitado. Entrevista concedida a Helissa N. dos Santos.

7 APÊNDICES

7.1 (Apêndice 01) ENTREVISTA COM A SECRETARIA DE ESTADO DE TURISMO DO PARANÁ

A) O que você entende por educação socioambiental?

“Acho que educação socioambiental pode ser formal quanto informal. Vejo que ela tem um objetivo de ensinar e conscientizar sobre as questões ambientais. Tudo que tem haver com a questão do território, da utilização dos recursos naturais, das formas de desenvolvimento pode ser trabalhado sobre uma questão da educação socioambiental.”

B) Como você vê a aplicação dessa educação socioambiental na atividade turística?

“Pela atividade turística ter uma forte ligação com a área ambiental. Até porque a gente usa pro turismo os recursos naturais. Acho que tem toda relação. Na questão da formatação dos próprios produtos, na venda diferenciada de serviços pode ser trabalhada a questão socioambiental, inclusive do perfil dos clientes que demandam uma gama de clientes que demandam produtos que estejam adequados ambientalmente.

“Tem varias formas de trabalhar essa questão ambiental dentro do turismo. Talvez pra aquele esteja na parte da gestão do turismo mesmo, os prestadores de serviço, a própria estratégia de atrair os visitantes.”

C) Vocês apoiam ou realizam alguma atividade ou programa em educação socioambiental para o turismo no Paraná?

“No momento a gente não tem nenhuma ação direta que seja um projeto ou algum programa de educação socioambiental no Paraná. Mas a gente, claro, dentro dos princípios pra desenvolver o turismo, no nosso próprio plano ele coloca como principio respeitar os aspectos ambientais. Claro que a gente incentiva nas nossas atividades.”

“A última ação que a gente teve mais direta na questão ambiental foi ano passado que a gente participou de um encontro que estava discutindo a politica de educação ambiental no estado do Paraná. A gente contribuiu no caso da educação

dos processos informais da educação ambiental. A gente acha que a atividade turística pode ser uma das grandes vertentes pra trabalhar a questão da educação ambiental. Então a gente trabalhou pra que na minuta da política saísse a questão do turismo.”

D) Tem alguma instituição que seja parceira em algumas dessas atividades, até mesmo quando fala que no plano tem a visão de respeitar os aspectos ambientais?

“Do tempo que eu acompanho, dos últimos quatro anos, a gente não teve uma grande finidade com os órgãos ambientais. Às vezes o turismo é visto de uma forma que vai degradar a questão ambiental. Então não teve uma proximidade ou um trabalho mais em parceria. Mas como a gente tem o conselho estadual e temos as cadeiras tanto da SEMA quanto do IAP, a gente sempre trabalhou e tenta chamar os representantes.

“No momento nós estamos num outro governo que já se tem uma abertura bem maior para as discussões ambientais. Acredito que esse vai ser um trabalho a ser desenvolvimento. Então acredito que a SEMA e o IAP eles são os nossos principais parceiros.”

“A gente fez também, trabalhou nos últimos anos a questão do geoturismo em parceria com a Mineropar, e desenvolvemos uma série de folders sobre a questão geológica. E foi muito utilizado e divulgado quanto a questão educacional. Um dos modelos utilizados foi nas escolas de Tibagi. Então, a gente fez o folder, fez junto com a Mineropar a instalação do totem. Foi feito um trabalho com as escolas pra divulgação, mostrar os pontos, que muita das vezes são atrativos turísticos. Então acabava servindo pra sensibilização dos estudantes e também uma divulgação dos recursos. E é um projeto que provavelmente a gente está vendo pra que ele seja um projeto maior piloto da questão do geoturismo no estado, começando por Tibagi, queremos ampliar as ações, num futuro.”

E) Quando li o plano, existe a premissa da sustentabilidade e tem metas e programas, principalmente, ligados ao desenvolvimento da educação, da sensibilização e conscientização e como que há esse desenvolvimento e qual o foco dessa educação.

“Esse plano é pra orientar todas as ações do estado, não é só da secretaria. No âmbito da secretaria a gente não desenvolveu essa área, nesses quatro anos

que agora estamos finalizando, a gente não trabalhou com projetos específicos da educação. Então não tenho como te dizer pra que enfoque foi dado porque a gente não desenvolveu nenhum projeto.”

“O que tem hoje de mudança, é que a gente está com um corpo técnico que vai trabalhar e que já está no próprio organograma da secretaria, prevendo uma área que trabalha só com a questão da educação. Só que a gente ainda não discutiu como que vai trabalhar essa questão da educação ambiental. Apesar de estar lá no plano, aqui dentro a gente não desenvolveu.”

“O que eu vejo, acho que é um dos temas, por conta da política de educação ambiental, que a gente vá trabalhar tendo uma abertura muito grande com a SEMA hoje, pra discussão do turismo com eles, que antes a gente não tinha. E a EcoParaná que está trabalhando com os segmentos vinculados mais as áreas naturais. Com esse foco da entidade só com esse segmento, acredito que a gente vai desenvolver não só na área de quem for cuidar da parte de educação para o turismo, mas também dentro dos programas ligados aos segmentos de turismo nas áreas naturais.”

“A gente faz dez mil coisas e não consegue focar, e esse é um tema que a gente não tem equipe pra focar nos processos de educação. A gente acabou, até pelo perfil que a própria secretaria adotou, de não ficar com os processos de educação. Não somos entidades formadoras, então isso ficou muito mais vinculado ao Senac, as universidades, do que propriamente com a gente essa parte. Mas é um processo de a gente quer retomar, de qualificação aqui.”

F) Quando entrevistei a SEMA, eles falaram que entre o ano de 2010/2011 eles começaram a fazer parte do conselho estadual de turismo e que a SETU também foi fazer parte do conselho deles. Tem algum âmbito de discussão na questão de educação ambiental nesses conselhos?

“No nosso conselho, do tempo que eu acompanho, eu não lembro de nenhuma discussão específica desse tema. Já no conselho do Meio Ambiente, que eu saiba não, na verdade eu não faço parte, mas a pessoa que faz parte nunca trouxe nenhuma discussão sobre isso pra gente.”

“Como eu disse, a primeira vez, pelo que eu tenho conhecimento, que a gente participou, foi ano passado. Até porque o Evandro, que representava a SEMA e trabalhava junto conosco na câmara técnica de segmentação comigo, ele me

convidou. Ele fez o convite formal. Não foi nem do conselho do meio ambiente. Ele sendo membro mesmo. Por isso que a gente acabou participando e discutindo lá com eles.”

“Eu sinceramente, torço muito pra que essa lei entre em vigor. No dia em que a gente discutiu, e tinha o grupo da educação formal e informal. Eu vi muita resistência, assim, sobre a questão do turismo, de deixar só um item só do turismo. Tinha na proposta que foi levada pra esses dois dias de discussão falava do turismo e outras atividades. E lá no grupo, a gente discutiu pra que tivesse uma linha só turismo. Porque comparar o turismo com o processo da agricultura é completamente diferente a relação, e na visão deles não.”

“Foi bem interessante a discussão. Acho que se realmente ela for implementada. Não tenho acompanhado mais o processo. Acho que temos muito a ganhar, nós do turismo, até pra incentivar não só nas unidades de conservação, que acabam tendo um apelo turístico maior, mas em outras áreas também que se trabalha educação pro turismo, com enfoque ambiental. A gente recebe muito pedido, do tipo: Ah! Porque eu tenho um manancial e quero usar pro turismo. Mas e daí. Porque né? Teria que ter todo um embasamento pra comunidade saber, etc. Isso não tem hoje nem mesmo nas unidades de conservação.”

“Eu participei um tempo do conselho da ilha do mel. E vi que a comunidade tem uma visão muito ruim da área ambiental, porque é restritivo, etc. Mas é culpa dela por ter essa visão ou talvez a comunicação do porque é uma estação ecológica, porque tem que controlar, etc. Não é desenvolvido ou é desenvolvido de repente da maneira errada. De repente não está sendo bem comunicado, por quê? Eu vejo muito isso no turismo; pessoas que querem desenvolver, a gente quer desenvolver, mas não pode, não pode...”

G) Existe então um intuito de trabalhar futuramente, se essa lei entrar em vigor e com essa melhor comunicação, principalmente pela aproximação da SEMA e IAP?

“Acho que na verdade, a gente vai ter um enfoque mesmo com ações que acabem englobando as questões ambientais. Porque hoje não tem, uma coisa mais estruturada, por exemplo, no nosso curso vai ter um módulo que pegue isso. Acho que a gente vai desenvolver umas ações, por exemplo, na ilha e que a gente até conseguiu conciliar o tema. Mas a gente não tem aqui, olha esse projeto a gente vai

trabalhar quando estiver falando de destinos em áreas naturais, tem que ter isso. Isso a gente não tem isso.”

“Como a gente está estruturando uma área, que a gente chama de eixo estratégico, que vai cuidar de toda parte de educação para o turismo. Daí, a gente quer trabalhar esses conteúdos. Aí, eu acho que vai ter uma interface dessa área com a área que, por exemplo, hoje está com a Ecoparaná que é o desenvolvimento de destinos que vai trabalhar a questão do turismo em áreas naturais. Provavelmente, até porque tem hoje uma pessoa que trabalha com processos de formação nessa área de educação. A gente acabe desenvolvendo esse conteúdo e tendo um projeto mais específico pra isso. E, assim, essa minuta da lei, os dois já receberam, já encaminhei pra eles, até pra gente também, talvez vê se naquele item, dê pra desenvolver um projeto e ter como justificar um projeto, mas isso é futuro.”

H) Existe algum apoio, em algum momento, que a municipal solicitou a vocês com relação a isso ou que vocês tenham solicitado alguma ação por ser capital?

“Que eu lembre, não, Nem na área de turismo, nem na área ambiental.”

I) Bem, as perguntas que eu tinha para fazer, eu já fiz. O objetivo era só identificar os programas e se eles não existem de maneira formal, vê as questões pontuais que ocorrem e o interesse de um dia que isso se aprimore ou se desenvolva e venha a ser um objetivo.

“No momento, estamos num momento de planejamento estratégico da secretaria. A gente está entrando para o oitavo mês do ano e estamos fazendo varias reflexões. Como eu estou na coordenadoria, estamos vendo a possibilidade de trabalhar com a formatação de planos, realmente. É uma coisa que deixamos de fazer, os planos municipais e regionais. Eu vejo como uma diretriz. Colocar a questão cultural, ambiental, elas devem estar permeadas.”

“Na verdade o turismo ainda é muito incipiente. Então, os gestores não enxergam o turismo. Eventualmente, há um ou outro iluminado pelo estado que vê isso. Então, temos que ser mais espertos e nos agarrar a esses outros, quando o ambiental às vezes é muito mais forte, a questão cultural é muito mais forte. Às vezes, você tem lá grandes planos, de áreas naturais ou do PAC. Talvez, o turismo tem que entrar nesse meio para convencer o município. Olha, porque o PAC tem

essas reformas? É pra um museu pra que tenha visitação. E o que é essa visitação? Quando não for local é visitante. E o que é visitante? É turismo. Então, talvez a gente tenha a possibilidade de pegar destinos como a própria ilha ou Foz do Iguaçu, que tem uma relação ambiental maior, para partir da questão ambiental para o turismo, já que às vezes as pessoas não enxergam. Mas a gente está em discussão em como fazer.”

7.2 (Apêndice 02) ENTREVISTA COM O INSTITUTO MUNICIPAL DE TURISMO DE CURITIBA

A) O que você entende por educação socioambiental?

“Entendo que seja independente de idade, mas se iniciar com as crianças surte muito mais efeito. E, que é toda manifestação em relação à conservação, preservação, cuidar do espaço urbano, seja natural, seja público e privado. Que a pessoa saiba cuidar do patrimônio também. Saiba ter esse cuidado, que hoje é muito forte aqui em Curitiba.”

“Acho que é graças a essas campanhas que sempre tiveram há muito tempo atrás. E você vê que as pessoas aqui são muito educadas. Não fazem algumas coisas que em outras cidades fazem. Eu, por exemplo, não jogo o papel na rua e fico indignada de ver algumas pessoas fazerem o contrário. Cuidado do espaço em que vive.”

B) Como você vê a aplicação da educação socioambiental na atividade turística no município?

“Embora o nosso papel como Instituto de turismo seja cuidar e trabalhar mais diretamente do turista; mas é um trabalho que se tem que fazer não só com o turista, mas com a população. Por meio de ações, de mostrar que a cidade, por exemplo, o destino Curitiba, as pessoas tem essa consciência de cuidar e preservar. E dessa forma possa realmente passar essa imagem para a pessoa que vem de fora.”

“Então, podemos perceber até pelas pesquisas de demanda, um dos principais pontos que aparece, é que a cidade é limpa. As pessoas já vêm com essa expectativa e de alguma forma isso acaba atendendo. E, isso acaba passando esse sentimento de cuidar para o turista também.”

“Eu estou falando do espaço, mas sei que não é só isso. Então, quando me refiro ao espaço, me refiro a tudo que está dentro dele. A questão ambiental é muito forte. Mas falta um pouco da questão do patrimônio. A parte de pessoas que percebe que tem várias ações que são trabalhadas.”

C) Vocês apoiam ou realizam alguma atividade ou programa em educação socioambiental para o turismo?

“Em específico não. O que a gente faz é tentar trabalhar nas campanhas, nas oficinas que a gente realiza com o público daqui. Mostrar esse lado da cidade, que isso é ponto forte da cidade. E, que as pessoas cada vez mais, tenham isso em mente. Dar continuidade da questão da preservação.”

“A gente percebe que a prefeitura trabalhou muito forte com campanhas numa certa geração quando criança, com a questão da reciclagem do lixo. E, isso não é mais trabalhado como já foi há um tempo atrás de forma exaustiva. Exemplo: o evento de réveillon fora de época não oficializado na prefeitura, organizado através das redes sociais, onde 5000 pessoas se reuniram na Praça Espanha. Nesse evento não havia lixeiras, banheiros químicos, controle para segurança e trânsito. Esse evento não organizado de maneira formal, ocasionou muitos problemas como quantidades enormes de lixo nas ruas do evento e entorno, fedor de urina, etc.”

“Isso foi discutido na prefeitura, que de alguma forma teve uma geração que não recebeu esse trabalho mais direcionado. Agora a prefeitura está buscando uma forma de retomar isso pra fortalecer, porque jamais a gente imaginou que o curitibano faria o que fez naquela Praça, naquele dia. E de alguma forma isso envolve o turista também, porque ali com certeza devia ter algumas pessoas de fora.”

“O que aconteceu de forma diferente foi o evento da virada cultural, organizado pelo Instituto e pela prefeitura, em que ninguém pisou no canteiro, apesar de estar cheio de gente. Havia uma aglomeração, mas encima do canteiro ninguém pisou em nada. Logo, tem uma geração que pegou isso, mas tem outra que pulou, como aquela que deixou todo aquele lixo na Praça Espanha, naquele evento.”

“De alguma forma o turismo tem uma relação, mesmo não específica, mas nas nossas campanhas a gente tenta incentivar pra esse lado, que as pessoas aqui cuidam, e mostrar ou orientar pra que eles cuidem também.”

D) Então, não existe um programa ou um projeto focado só nisso, existe um interesse permeado em várias outras atividades que a prefeitura realiza, certo?

“Sim.”

E) Existe alguma outra instituição que tem interesse de ajudar ou apoiar essas ações no turismo?

“Eu desconheço de fora, possa até ter, mas eu não conheço. Dentro da prefeitura, a do meio ambiente está sempre de alguma forma cuidando disso na secretaria. Na parte de patrimônio e até na questão social, que tem a FAS que tem diversos programas sociais e alguns tem interferência com o turismo. Como a campanha da exploração sexual, que a gente está trabalhando muito em conjunto com a FAS.”

“Porque o que acontece é que o turismo não é o dono da situação e nem tem competência pra isso. Então, a gente só complementa o trabalho daquela secretaria que já é responsável. Aqui a gente não tem esse problema tão em evidencia quanto em outros destinos. Aqui a gente nem tinha noção, mas quando a gente começou a mexer nesse tema, a gente percebeu que ele existe. Nesse caso, a FAS que conduz esse problema e a gente só apoia nessa campanha.”

“Da mesma forma, na questão do meio ambiente, qualquer ação que a gente faça, como a nossa ação aos sábados na Praça Espanha. O meio ambiente tem que estar supervisionando. E se der algum problema, eles vão verificar se o turismo se preocupou em cuidar disso ou daquilo ou nos avisar, e se isso não aconteceu por algum motivo, eles sabem que a falha foi do turismo também.”

“Tem interface sim, mas não que o turismo encabece essas coisas. O turismo acaba trabalhando em conjunto e complementando o trabalho deles.”

F) Agora pensando no contrato de gestão 2010, o que chama atenção é que está descrito como missão institucional do órgão: “Promover o turismo sustentável no Município, contribuindo para o desenvolvimento socioeconômico da população local” (CONTRATO DE GESTÃO, 2010, p. 01). Em alguns dos projetos descritos nesse documento, eu particularmente, não encontrei um que fosse mais focado ou direcionado a questão do meio ambiente. Existe algum projeto ou dentro da oficina de sensibilização que está na questão da promoção do turismo?

“O que a gente fez mais diretamente pra área ambiental, foi o guia fauna e flora. E nesse guia foram escolhidos 12 parques, que fazem parte da linha turismo e foi analisado com biólogos algumas espécies e foi colocado nesse guia três opções de observação: pra aquela pessoa que não conhece nada, pra aquela pessoa que tem um pouco de noção e pra aquela pessoa que já tem maior conhecimento. E, nele existe uma abordagem quanto a esse cuidado do espaço, do ambiente em que ele está visitando.”

“Nas oficinas de sensibilização, hoje se percebe uma movimentação no turismo, na cidade, cada vez maior. Então os prestadores de serviço estão sendo cada vez mais abordados pra prestar informações. Então, aqui em Curitiba a gente tem um problema, que as pessoas que moram aqui, mal conhecem os parques, a torre panorâmica, etc. Então, o objetivo é passar essa informação e treinar eles pra quando forem abordados por um turista, que se ele não souber a resposta, que ele saiba indicar onde o turista deve buscar a informação.”

“Mas ainda não temos um projeto muito específico para a questão ambiental. Como eu disse, é em algumas ações que a gente acaba trabalhando. E a ação mais direcionada nesse tema foi o guia fauna e flora.”

G) Existe a possibilidade dessa oficina, futuramente, ter também como objetivo a educação socioambiental para o turismo?

“Existe sim essa possibilidade. Mas tentando ligar a esse tema, não sei se é muito em função da copa do mundo, mas a gente está tendo uma imprensa que está o tempo todo em cima das obras, seja aqui ou nas outras cidades sede. Mas analisando Curitiba, está partindo da própria imprensa um sentimento muito negativo em relação ao que está sendo feito, então, as pessoas questionam muito prazo, questionam muito tudo, valores, etc.”

“A gente já está sentindo aqui no turismo, que isso está afetando muito a população. De repente a gente está percebendo que nada mais aqui na cidade serve. Então, a linha turismo virou uma porcaria, a gente não tem estrutura, etc. E a gente sabe que o turista que vem de fora, não tem esse sentimento que o próprio curitibano tem. Não que a gente não tenha problema e que não tenhamos que melhorar. Mas não chega a ser dessa forma como as pessoas estão vendo.”

“Pelo 156 ou através de nossos contatos mesmo, as pessoas têm nos procurado e têm sido até agressivas, que a gente vai pagar mico na copa, que a cidade não tem estrutura, veja o que está passando na RPC. Essa é uma preocupação que a gente está tendo, porque a gente está percebendo que o próprio curitibano está com um sentimento muito negativo com relação a cidade.”

“Curitiba recebe muitas comitivas de fora que vem aqui conhecer a questão de transporte, por isso que tem a secretaria de cerimonial e relações institucionais, até mesmo para organizar esse volume visitas. Foi comentado, que durante uma dessas visitas, os visitantes elogiaram a estrutura do transporte e em seguida, uma

funcionária que estava perto falou: 'Ah! Mas, venha aqui em tal horário para você ver se é bom.' Então, parece que o curitibano está sempre ali, pra mostrar que aquilo está ruim e que não é bem assim. Isso tem nos preocupado, pensando em trabalhar a questão do orgulho curitibano."

"Estamos entrando com o curta Curitiba, para trabalhar internamente. Para que as pessoas tenham essa percepção, e percebam a cidade como turística. Por exemplo, tem muita gente aqui que não consegue acreditar que outra pessoa venha aqui para visitar nossos parques e conhecer nossa estrutura. Nessa linha que é possível sim. Embora não tenha ainda formato uma proposta, mas essa questão de entrar nas escolas municipais, trabalhar com as crianças a questão da valorização da cidade, do que ela tem e a questão da receptividade, do bem receber, da hospitalidade."

H) Tem mais alguma coisa a declarar?

"Uma questão que talvez sirva para o seu trabalho. A implementação do índice de competitividade dos 65 destinos, que tem a aplicação de pesquisas que começaram em 2007/2008. Anualmente a FGV aplica a pesquisa e esse ano a FGV voltará em setembro e analisará novamente dentro das 13 dimensões. E é o Instituto que recebe e organiza a visita deles na cidade. E, têm várias secretarias que estão sendo entrevistadas."

"É muito legal esse trabalho, pois muita gente questiona sobre o monitoramento e os índices. E, é a esfera federal que está construindo isso com os destinos. É durante essa entrevista que as secretarias começam a perceber a sua interface com o turismo. Como o caso do meio ambiente, fundação de ação social, na cultura (esta já tem uma relação maior conosco). Esse índice através de várias perguntas é respondido principalmente pelos secretários."

"É nessa pesquisa que as secretarias abrem a cabeça sobre o turismo. As outras secretarias tem como foco a população e essa pesquisa ajuda o amadurecimento sobre a importância de se interligar ao turismo para ajudar também."

"Os resultados sobre cada cidade, cada uma sabe sobre o próprio e no final do ano há uma premiação dos primeiros lugares, e Curitiba já ganhou nas dimensões social e ambiental. Na capacidade empresarial São Paulo já ganhou. Tem também infraestrutura, promoção, acesso, etc."

7.3 (Apêndice 03) ENTREVISTA COM A SECRETARIA ESTADUAL DE MEIO AMBIENTE E RECURSOS HÍDRICOS DO PARANÁ

A) O que você entende por educação socioambiental?

“Olha, de novo esses são novos termos.”

B) Pode considerar como educação ambiental. Mas na nossa especialização nós chegamos a conclusão do termo educação socioambiental.

“Exato, nós temos o socioambiental, que eu não diria como uma educação ambiental, e também educação ambiental é muito forte, porque ninguém educa. Só se educa de forma sistemática, normal, todos os processos. E, realmente acho que educação socioambiental, também acho que é um pouco mais pesado. Mas é uma transformação que a gente queria social, ambiental nesse processo.”

“Então, veja, com essa nova filosofia é um processo de transformação. Não posso te dizer, porque pra mim é novo, pra mim também é diferente. E, como que a gente vem desenvolvendo as ferramentas da educomunicação também. Acho que esses processos novos quebram os paradigmas, trás uma nova reflexão e isso eu vejo ate como positivo. Não vou dizer que o termo é adequado, mas trás uma reflexão do que é realmente a educação ambiental nesse processo social.”

C) Mas saberia dar uma explicação sobre o seu entendimento do termo educação ambiental ou esse também leva a uma reflexão?

“Também leva a uma reflexão. Porque, veja, o programa que a gente está desenvolvendo dentro das unidades de conservação com os professores, é todo o processo, nem de educação, mas acho que de reflexão do dia a dia nosso. Então, com os professores e com os alunos. Acho muito mais de reflexão, de pensamento, de modo de agir, que nós devemos ter no nosso dia a dia, que a gente sente cada vez mais. Hoje a gente transforma, sensibiliza as pessoas e o no caso, acho que estamos um pouquinho aquém, acho que a sensibilização é maior nesse processo.”

B) Saberia me explicar, como que é visto a aplicação da educação ambiental ou socioambiental na atividade turística?

“Da educação ambiental nesse processo turístico, sim. Porque quando nós queremos uma praia limpa, um ambiente limpo ou um próprio lugar bonito. Totalmente (...) litoral. A gente procura transformar, sensibilizar no ambiente em que ele está. Então, o turismo dentro desse processo de educação ambiental ou a educação ambiental dentro do turismo, da sensibilização do socioambiental é extremamente importante.”

“Na educação ambiental para esse turista é extremamente importante. Porque dão uma dimensão de onde ele está, dão a dimensão da importância. E, da conservação realmente dos ambientes naturais ainda do que temos. Então, o turismo ainda carece de um processo mais bem pensamento na educação ambiental. Como que realmente agir. Aí temos exemplos de próprio turismo e educação ambiental no turismo, quando a gente faz a questão do mergulho consciente em corais, o mergulho consciente naquelas águas de bonito ou uma visita ao pantanal, naquelas pousadas e tudo.”

“Então, educação ambiental está ainda muito tímida na área de turismo. Nós não conseguimos ainda pensar em como atingir o turista, como sensibilizá-lo. Tem uma ação muito forte no meio urbano e tudo da comunicação. Mas na parte turística acho que ainda estamos muito aquém de planejar realmente.”

C) Em nível estadual, vocês apoiam ou realizam algum programa de educação socioambiental para o turismo? Ou existe um projeto, uma ideia, reuniões pra que isso um dia ocorra?

“Olha, indiretamente a gente realiza. Como? Na própria operação de final de ano pra questão da ilha do mel ou das unidades de conservação, até do litoral. Muito mais no litoral. Então a gente realiza sim, uma ação de educação ambiental para o turismo, de forma muito indireta. A gente acaba atingindo muito mais a população local, pra quê? Tentar sensibilizar aquelas pessoas que elas estão recebendo mesmo que de forma indireta. Agora, na sexta-feira que passou, nós vamos trabalhar e ficou acertado que vamos trabalhar muito forte no turismo da ilha do mel. Para recepção do turista frente a uma realidade que ele vai encontrar. Então, nós começando a planejar agora pra questão da ilha do mel, antes era muito mais focado nos habitantes do local.”

D) E como que se dará esse trabalho?

“Esse trabalho é muito mais pensando na parte de resíduos. Pra você ter uma ideia, no final do ano 2010/2011, nós tivemos, foi recolhido só na ilha do mel, 1.274 garrafas de uma noite, no outro dia tinham 1.284 garrafas, vinhos, cervejas. Então, você conhecendo o turismo, o perfil e tudo. Pra você poder trabalhar a questão de educação ambiental. Então, é muita coisa, já pensou você pegar 1.274 garrafas e mais papel de balinhas. São coisinhas simples, finalzinho do cigarro. Então, são coisas que a própria população local apontou: olha, o turista aqui vem. Então, são ações focadas de aspecto de ação ambiental ao turista. Também, é questão de conservação do ambiente onde ele está visitando.”

E) Pra Curitiba existe alguma conversa?

“Curitiba tem uma boa equipe de educação ambiental. Eles desenvolvem os programas deles. E, o contato ainda é muito pequeno com a equipe local. Eu desconheço.”

F) Curitiba tem uma boa equipe, mas vocês têm pouco contato com essa equipe. Mas eles trabalham forte essa questão da educação ambiental em Curitiba?

“Muito forte.”

G) Existe a inter setorização da secretaria de meio ambiente com a secretaria do estado do turismo sobre esse assunto ou algum interesse sobre esse assunto ou não?

“Não. É muito forte a relação entre a secretaria de meio ambiente e turismo. Isso ficou mais claro ainda, essa importância e essa aproximação, quando a secretaria de meio ambiente trás pra dentro do conselho estadual de meio ambiente, o próprio, a secretaria de turismo que estava fora, ficou fora nos últimos 10 anos. E, a secretaria de meio ambiente está no conselho de turismo.”

“Nós temos trabalhado na questão da ilha do mel, na questão da própria administração das unidades de conservação pra discussão do uso publico dessas unidades de conservação. E, isso fazendo a secretaria de turismo entrar nesse processo. E, o que seria possível nas visitas e no plano de trabalho pra visitação pública. Então, a secretaria de turismo está muito forte, está muito presente nas discussões.”

H) Mas essa discussão o foco, assim, a rede estadual vai pra ilha do mel e nas unidades de conservação?

“Sim.”

I) Curitiba fica a questão da secretaria municipal de meio ambiente fazer essa ponte com a municipal de turismo?

“Exatamente.”

J) Mas não há nenhum programa ou direcionamento em que o estado vá e aconselha o município?

“Não. Curitiba é um caso a parte mesmo. Pela equipe, pela estrutura, por tudo deles aqui. Eles têm autonomia nesse processo.”

7.4 (Apêndice 04) ENTREVISTA COM A SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE DE CURITIBA

A) O que você entende por educação socioambiental?

“Na verdade esse termo foi cunhado antes da lei de educação ambiental, que se refere somente a educação ambiental. Pra mim é um termo que contraria a primeira definição de educação ambiental, já desde as conferências internacionais, como Tbilisi. Conferências internacionais que nortearam todos os processos e os aspectos legais que se seguiram, o conceito de ambiental preconizava ser a síntese, o ambiental não como espaço físico, mas numa visão mais sistêmica como a síntese das múltiplas relações que acontecem no espaço físico, incluídas aí as questões culturais, sociais, filosóficas, etc.”

“Em verdade esse conceito não foi incorporado por muitas pessoas, haja vista, que decorrente desse entendimento é que você obtêm os vários tipos de educação ambiental, ou seja, a partir do entendimento do conceito que você tem de meio ambiente, a educação ambiental é decorrente. Por isso que no início da educação ambiental o que você percebia muito – e eu trabalho com educação ambiental desde 1989 – era as práticas ligadas, por exemplo, a hortas, jardinagem, plantio, áreas verdes. Porque ainda era muito forte nessa ideia de meio ambiente associado a natureza. Natureza entendida como só os aspectos do ambiente físico. Com o tempo, tentou-se muito que as pessoas internalizassem essa ideia que era a síntese das múltiplas relações, mas isso não foi internalizado.”

“O que a gente percebeu, é quando as pessoas associadas, principalmente aos partidos políticos de esquerda, que somam ao projeto de meio ambiente e a questão da educação ambiental, elas trazem o entendimento que o ambiente é um espaço físico e entendendo que o social não estava contemplado, e passam a cunhar a educação de socioambiental. Pra mim não da conta, pra mim nós voltamos ao pensamento extremamente cartesiano, nós ainda não temos o conceito que perceba os espaços realmente como resultado de relações num processo dinâmico e permanente, em constante mudança, isso ainda não foi internalizado pela maioria. Então essa é a ideia.”

“Pra mim a educação ambiental, então, que nem precisaria do adjetivo ambiental, porque ela é a própria educação. A educação não precisaria ser

adjetivada, a educação é que nos prepara para o mundo, para a vida. A partir do momento que você precisa estar adjetivando a educação, como educação pro trânsito, pras drogas, pro sexo, pro ambiente. É porque a educação já não deu conta, ou seja, ela esvaziou-se de sentido e você tem que estar agregando conceitos pra que ela realmente cumpra o seu papel. Nesse momento foi importante que se acrescentasse esse adjetivo ambiental, porque realmente não existe ambiente na educação. Educação se passa como se nós realmente estivéssemos num espaço determinado, etc. Então as questões ambientais revelam que há um gape na nossa educação, um hiato, há uma lacuna. Ela não nos prepara, por exemplo, pra separar o lixo, básico, elementar. A educação ambiental está muito associada também a questão de lixo. Quando fala em educação ambiental em ambiente urbano é lixo. Até porque é uma grande preocupação, claro, mas é muito mais do que isso.”

“Na verdade, a educação ambiental vem nessa esteira assim que está preenchendo essa necessidade que a educação tradicional não tem atendido. Aí ela vem com alguma coisa, uma atividade que se acrescenta. No nosso entendimento, e assim eu venho da educação, e o nosso entendimento da educação do município, que foi onde eu comecei na reescrita do currículo; a educação ambiental seria outra concepção de mundo e de educação necessária pra esse mundo. Seria uma superação dessa visão fragmentada e dicotômica das coisas: sociedade e natureza, etc. Acho que essa seria a grande descoberta acho, da educação ambiental. Então seria perceber a educação num outro patamar, não como alguma atividade que se agregasse, mas perceber os conteúdos das várias áreas numa ótica que contemplasse essa visão mais ampliada das coisas. E não é isso que está se vendo hoje. Daí, o conceito de educação socioambiental.”

B) Na verdade, o termo antes utilizado nas aulas era sempre de educação ambiental, até a gente ter aula com um professor sociólogo que discutiu e trouxe vários textos, debates e tentou trazer a turma esse termo da educação socioambiental. Um conceito baseado na discussão teórica, mas na premissa de que a educação não só para o meio ambiente, mas da relação homem com o meio ambiente. Então ele achava muito importante que a palavra sócio estivesse na frente, para que as pessoas lembrassem que não é só uma questão de aprender a separar o lixo, e sim sua relação de conduta diária com ambiente em que vivia.

“Quando a gente começou a discutir o conceito. Em verdade nós tínhamos um grupo de estudos aqui na Universidade Livre. Quando começou todo o movimento de educação ambiental aqui em Curitiba, havia um grupo de estudos na Universidade Livre do Meio Ambiente que congregava pessoas que trabalham com a educação ambiental nos vários segmentos, não só do poder público, mas de não governamentais. Então, nós tínhamos representantes de Embrapa, IBAMA, inclusive polícia florestal Paraná, Santa Catarina. E houve uma longa discussão teórica, professores também da UFSC, aqui da Federal, professora Vilma Barra também fazia parte desse grupo, depois ela foi do Uni Made inclusive, antes dela aposentar. Professora Ziole Malhada que também foi do Uni Made. E a grande discussão que nós tínhamos era exatamente essa, que essa síntese que quando você falava de educação ambiental era perceber essa questão que é cultural.”

“Porque, claro, a leitura que você faz dos ambientes está determinada pela tua cultura, pelo teu momento histórico. Não tem como você falar de um ambiente físico independente de saber que ideia você tem de ambiente físico que você vive. Claro, isso é social, porque quem pensa é o ser humano. Então, é contraditório você achar que você tem que cunhar alguma coisa ali. É um pensamento pra mim cartesiano que não conseguiu incorporar uma visão que é muito mais da ciência contemporânea, que é essa visão mais quântica que está trazendo isso pra gente. A própria biologia trouxe essa visão mais sistêmica. E, alguns pensadores, principalmente os ligados as ciências sociais não incorporaram isso, porque o ambiente nunca esteve presente nessa ciência.”

“Até porque eles sempre acharam que essa seria uma visão determinista do mundo. Você achar que o ambiente físico determina alguns comportamentos era a geografia chamada determinista. Então, eles nunca incorporaram esse tipo de coisa, a maioria deles. Por isso não me estranho ter vindo de um sociólogo, mas hoje a gente convive. Como o próprio conceito de natureza. Tem o livro os descaminhos do meio ambiente que fala que: através de que cultura você está falando sobre natureza. (...) Hoje tudo é *commoditie*. As palavras não são em si, elas fazem significado em um contexto. E o nosso contexto hoje, as palavras, os conceitos e as ideias de meio ambiente não fazem sentido para nós. Porque na nossa educação, na nossa formação, nas nossas ideias elas repercutem com alguma coisa separada de nós, distante de nós. Não estou dizendo que temos que preconizar o retorno a Pacha Mama dos Ameríndios. Não é isso. Também era uma sociedade que pensava

completamente diferente, mas tinha uma interpretação de uma conexão muito mais próxima.”

C) Como que você vê a aplicação da educação ambiental na atividade turística?

“Então, acho que ela norteia muito essa percepção da cidade realmente como um espaço fantástico, pois o nosso loco é o ambiente urbano. E o bacana quando você atende uma pessoa de fora. A gente sempre diz que a gente deveria, os próprios habitantes da cidade deveriam ver a cidade com o olhar de viajante. Por que quando você é um viajante, você está muito atento a todos os detalhes do lugar, aos cheiros e cores e tal. Quando você vive num lugar, você meio que banaliza o lugar. Você já não está mais atento e as coisas passam despercebidas pra você a maior parte do tempo.”

“Então, trabalhar essa ideia principalmente em Curitiba que foi uma cidade que teve sempre uma preocupação com alguns aspectos, não que ela tenha resolvido todas as questões, não é isso. Mas sempre houve nos seus planos diretores, nos seus projetos, sempre houve uma preocupação com essas questões, haja vista, e não só por isso. Também é uma das causas por nós termos hoje uma cidade com 52m² de área verde por habitante que isso se deve muito a nossa origem composta por imigrantes.”

“Os imigrantes não tinham áreas pra fazer especulação imobiliária, eles tinham áreas como patrimônio. Se você pegar a maior quantidade de área verde que você tem aqui na região de santa felicidade, são os italianos. São os italianos que também estão no Umbará, são os poloneses. Então pessoas que compraram áreas significativas aqui que até hoje eles mantêm essas áreas. Então, nós temos hoje uma quantidade de áreas verdes extremamente significativa que tem contribuído pra que a cidade realmente se sobressaia nesse aspecto.”

“Além de outros assim que foram associados, como a questão da criação de parques lineares pra resolver um problema desses rios que estão situados ao longo desses parques, com a formação de lagoas pra controle de vazão. Até é um assunto interessante, nesse período de cheias, as pessoas ficam impressionadas: Meu Deus! O parque Barigui está debaixo d’água. Mas essa é a função dele, que é muito mais fácil você consertar um banco ou a ciclovia, do que você recuperar a casa de pessoas que perde tudo que tem numa enchente. Então um objetivo do parque linear é realmente a preservação dos cursos d’água, da não ocupação em áreas que

são de risco. Então, tem uma função saneadora e que se agrega a uma função de lazer, cultural, etc. Que se virou uma marca da cidade.”

“Mas outras questões também relacionadas, por exemplo, a questão de resíduos. Que nós temos um plano de gerenciamento de resíduos e também desde 1989 essa implantação de coleta seletiva. Que pra tudo isso, então, as pessoas vêm muito de fora pra conhecer esses projetos, não só do Brasil, mas pessoas de fora do Brasil. E que acham que são soluções muito simples, absolutamente simples. O que realmente hoje elas têm que está sendo readequadas, as coisas estão sempre num processo contínuo de mudança. Você não pode achar que resolveu alguma coisa, porque amanhã pode não ser resolvido. Mas elas são respostas, pra essas questões que foram acontecendo ao longo do tempo.”

“Então, ao que se refere ao turismo, acho uma coisa bacana quando as pessoas chegam na cidade, elas perceberem essas relações que acontecem entre os moradores da cidade e os espaços que foram sendo criados com múltiplas funções ou os espaços que foram sendo transformados como os shoppings do Muller e o Curitiba, que você tem antigos prédios que foram resguardados na sua história e que atribuiu outra função de uso.”

“Então, isso também é um aspecto bacana os espaços não são em si, nós é que atribuímos os valores dos significados pra eles. Então, mostrar essa reciclagem que no ambiente urbano acontece de ter lugares e espaços que vão atendendo as necessidades do momento. Então acho que nós temos muito nesse sentido pra estar trocando com as pessoas que visitam a cidade. Acho que o turismo pode explorar muito mais nesses aspectos do que ele já explora hoje.”

D) Vocês apoiam ou desenvolvem algum tipo de programa de educação ambiental direcionado ao turismo em Curitiba?

“Nós trocamos algumas ideias com a secretaria de turismo, mas não temos nenhum programa direcionado. Nós tivemos um programa bem direcionado, que, aliás, foi muito bem sucedido durante a Cop. Mop. em Curitiba, nós fizemos um trabalho integrado com a Secretaria de Turismo, onde nós capacitamos 4 mil voluntários que atuaram como anjos da guarda dos grupos que vieram dos outros países das comitivas que vieram, nós capacitamos os motoristas de taxis, os funcionários dos aeroportos, a rede hoteleira e capacitamos juntos, até porque o

turismo abordava todas as questões relativas ao recebimento dessas pessoas na cidade e tal.”

“E nós abordávamos a questão da função de uma conferência das partes de biodiversidade e segurança alimentar. E mostrávamos a questão do que a população tinha a ver com a biodiversidade. Fizemos uma exposição na rua XV e em todas as ruas de cidadania e um posto de informações que a população podia saber o que acontecia na conferência, sobre o que estava se discutindo. Nós fizemos um bom trabalho em parceria com a secretaria de turismo. Preparamos os guias que acompanhavam as comitivas e que iam nos ônibus da linha turismo. Então, foi um momento em que essa parceria foi bem estreitada. Mas depois disso, realmente até por conta das nossas atribuições assim que são muitas, que às vezes a gente não consegue fazer o que seria muito bom, uma coisa nesse sentido.”

E) Foi mais como uma ação pontual, para o evento, certo?

“Sim, uma ação mais pontual do evento. O que nós gostaríamos inclusive de repetir, porque nós vamos ter alguns outros eventos, bem significativos, que Curitiba vai sediar. Nós vamos ter a RIO +20 que está se pretendendo que alguma reunião paralela aconteça em Curitiba, como foi na RIO 92 que teve a conferência das cidades. Então, a gente também gostaria de estar replicando aquele modelo que foi bem exitoso, assim.”

F) Dessa parceria pontual com alguns eventos direcionados ao meio ambiente. Existe algum outro tipo de parceria com o Instituto?

“Não.”

G) Existe um interesse futuro alguma coisa pra que esses dois setores se unissem em discussões, em conselhos, em câmaras temáticas?

“Acho que essa conversa seria sempre oportuna, mas nesse momento assim não há nada pelo menos planejamento. Previsto assim não há nada nesse sentido.”

H) Mas há interesse por parte da secretaria?

“Sim, com certeza iria.”

I) Mas alguma coisa que você gostaria de dizer com relação a parte de meio ambiente e turismo? Porque por mim as perguntas já se finalizaram. Ou se você quiser deixar alguma declaração.

“Em relação a meio ambiente e turismo. Acho que o fundamental assim é que a gente seja turista no lugar onde a gente vive. Pra mim essa é a melhor conclusão assim que a gente esteja sempre estranhando o lugar onde você vive. Porque é isso que faz com que você exercite a criatividade, a percepção, que se encante com as coisas. Acho que educação ambiental tem que ter muito esse ingrediente do encantamento com as coisas. Muita gente perdeu muito isso, a gente passou a banalizar muito as coisas. E a gente deposita uma fé muito grande na tecnologia. Não que ela não seja importante, a gente não vai poder prescindir da tecnologia, mas ela não é tudo, ela não é per si. A tecnologia não age sozinha. Ela não tem sujeito. Nós é que fazemos o uso e esse uso pode ser bom ou não. Então, acho que é a solução assim do momento.”

“Não sei se é uma solução específica. Mas esse processo assim que a gente está tendo a oportunidade de viver (...). Que a gente está atravessando nesse momento acho que é um grande desafio, porque essa questão ambiental é a ponta do iceberg. Nós estamos vivendo é uma crise de civilização, uma crise de valores, de perda de sentido mesmo da vida. É a banalização mesmo da vida. E por isso que você está se confrontando com tantas situações extremas.”

“Acho que esse é o momento extremamente para se rever os significados que a gente atribui pra tudo. E esse convite pra gente expandir esse nosso sentimento de compaixão, não só pelos humanos, mas por tudo que vive. E que nós nos distanciamos muito. Isso leva uma insensibilidade.”

“Acho que é um pouco desse resgate assim do humano. Por isso que eu discordo lá do professor de sociologia porque resolver as questões que hoje a gente se confronta, passa por entender o que é o humano nesse contexto.”

“Eu fiz um curso muito interessante com o prof. Humberto Maturana, é um neurobiólogo chileno que ganhou um prêmio nobel de ciência. Ele inclusive, ele e o prof. Varela que era um outro pesquisador de uma universidade francesa, eles cunharam um conceito que se chama *autopoiesis*, que é a capacidade do ser vivo de produzir-se a si mesmo. Um conceito da biologia. Mas o prof. Maturana traz uma discussão muito grande pra questão humana. Quando ele diz que não é uma questão de cultural e natureza, mas é o biológico e o natural uma conjugação. Nós

somos esse resultado dessa conjugação de um corpo físico biológico com uma cultura que dá sentido pras coisas. E o Maturana traz muito claramente essa distinção, com que olhos estamos vendo o mundo. Então, acho que é isso que a questão ambiental trás de importante. Você resgatar o verdadeiro sentido.”

“Eu gosto muito da etimologia das palavras, até porque minha formação é de língua portuguesa e gosto de trabalhar com meus alunos nos cursos assim. Porque quando a gente, as nossas palavras foram sendo esvaziadas ao longo o tempo, então quando a gente fala do conceito de complexo, e eu pergunto assim: o que complexo lembra? E as pessoas dizem: lembra difícil, uma coisa complicada. Enfim complexo vem de com plexo, com abraços. Aquilo que foi tecido junto, que você só consegue entender nessa conexão. A gente perdeu isso de vista. E é uma palavra bonita, complexo, com abraços.”

“Então, a questão ambiental é complexa, porque ela é nesse abraço, do humano com toda sua bagagem de cultura, historia e tal, com uma dinâmica que é própria da natureza também, que tem suas próprias leis, seus próprios processos. E que a gente passou a dar significados pra isso, da nossa trajetória da civilização, então isso é complexo. Então, isso é legal, a questão ambiental vem fazer a gente dar uma parada e perceber, então, as palavras que nós usamos. Também gosto de brincar também com as palavras que a gente usa, da natureza enquanto recurso. A gente diz recurso pra alguma coisa que é meio. E ela surgiu, a ideia de natureza enquanto recurso surgiu na revolução industrial, porque ela era a matéria prima pro lucro. E assim também os humanos passaram a ser usados na condição de recurso, porque a gente usa até hoje recurso humano. E nós não somos meio pra nada, somos fim e nós mesmos.”

“Então, enquanto a gente não perceber a natureza, por exemplo, como condição para vida. Então, você vê nessas campanhas de água, que se a água acabar, a gente vai morrer de sede. Não! A gente não vai morrer de sede, o planeta se desintegra. (...) E, a gente continua vendo por partes. Nossa! Se acabar a água, vamos morrer de sede. Não é assim. É uma grande tessitura. (...) Acho que esse conceito de teia dá bem essa ideia, como um grande tapete, que não tem como você querer entender um dos seus fios, você tem que olhar o tapete como um todo pra entender o desenho. (...)”